



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

NATÁLIA LIMA GONÇALVES

**AS CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES MANUAIS PARA A EDUCAÇÃO:
NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE UMA PEDAGOGA EM FORMAÇÃO**

**FORTALEZA
2023**

NATÁLIA LIMA GONÇALVES

**AS CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES MANUAIS PARA A EDUCAÇÃO:
NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE UMA PEDAGOGA EM FORMAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg.

**FORTALEZA
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G626c Gonçalves, Natália Lima.

AS CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES MANUAIS PARA A EDUCAÇÃO : NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA DE UMA PEDAGOGA EM FORMAÇÃO / Natália Lima Gonçalves. – 2023.
83 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,
Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Luciane Germano Goldberg.

I. Artes Manuais e Pedagogia. 2. Narrativa Autobiográfica. 3. Pesquisa (auto)biográfica em Educação.
I. Título.

CDD 370

NATÁLIA LIMA GONÇALVES

**AS CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES MANUAIS PARA A EDUCAÇÃO:
NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE UMA PEDAGOGA EM FORMAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg (UFC)

Professora Orientadora

Prof. Dr. Alexandre Santiago da Costa (UFC)

Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria José Albuquerque da Silva (UFC)

Membro da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, diante de todos os obstáculos e turbulências que a vida tem me feito passar, continua abençoando e dando forças para continuar a caminhada.

Agradeço também aos meus pais, Paulo Araújo e Maria das Dores, por toda dedicação e responsabilidade para instruir, educar, cuidar buscando meios para conservar e promover uma educação de qualidade. Como tenho uma gratidão por todo apoio dos meus irmãos, João Paulo, Leonardo e Menescau, que mesmo distantes, torceram por minha felicidade e sucesso.

Outra pessoa que se fez presente em todo o processo de graduação foi meu namorado, esposo e amigo que sempre esteve ao meu lado, nos momentos de surtos e de alegrias. Por incentivar quando faltavam forças para continuar e que fortalecia com sua coragem, entusiasmo, companheirismo e sempre acreditando no meu potencial. Gratidão, Michel!

Uma pessoa especial e que se fez presente nos últimos anos de minha graduação e que faz parte da minha história, contribuindo com muito conhecimento, empatia e compreensão, a orientadora ímpar, que fez toda a diferença com suas aulas e sua vivacidade. Além de me ajudar com palavras amigas durante os percursos de escrita deste trabalho. Imensamente grata, Lu!

Ademais, existem três pessoas que são super especiais, amigas e companheiras de todas as horas. Elas aguentavam os choros, como também encorajaram. Escutavam e também davam conselhos. Brigavam e também se redimiam. Enfim, três mulheres que fizeram de grande suporte para os dias que pareciam não acabar, mas que no fim ficava tudo tranquilo. São elas: Lana Mara, Naira Marques e Maria Caroline.

Outrossim, uma gratidão a grande maioria de profissionais da educação que foram de extrema importância para minha emancipação no âmbito educacional, mostrando o quanto a educação é um caminho que promove ação, reflexão e criatividade. Além de promover a transformação de mentes e de uma sociedade.

Evidentemente, agradeço com imenso carinho, aos dois participantes da minha banca, os professores Alexandre Santiago e Maria José Albuquerque, que também participaram de maneira significativa na minha trajetória, assim como na defesa do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Por fim, não poderia faltar um agradecimento a todos os demais amigos e familiares, que desde o começo torceram e contribuíram para a minha chegada até aqui. Gratidão!

*Na aranha a teia forte
Na seda a suavidade
No algodão a leveza
No coração a bondade*

Quem tece o fio do pensamento?

*Um espírito presente
Mãos em movimento
Respiração equilibrada
Tudo em seu momento.*

(ORTEGA, 2017, p. 5)

RESUMO

O presente trabalho aborda sobre as contribuições das artes manuais para a educação com enfoque na narrativa de uma pedagoga em formação. As artes manuais envolvendo a educação são pouco trabalhadas nas escolas consideradas tradicionais, tendo em vista de explorarem mais os aspectos ‘intelectuais’, desconsiderando as artes como mecanismo importante para a formação integral do indivíduo. Assim, o objetivo deste trabalho foi analisar as contribuições das artes manuais na educação, através da elaboração de uma narrativa autobiográfica advinda da minha formação pessoal e como pedagoga enquanto “artista manual”. Além de desenvolver um olhar de como as artes manuais estiveram presentes na minha vida da infância aos dias de hoje e suas principais aprendizagens; busca investigar a relação entre as artes manuais e a educação ao longo da história; analisar e refletir de que maneira as artes manuais contribuíram para minha formação como pedagoga e como a minha experiência pode contribuir para a Pedagogia. Caracteriza-se com uma pesquisa de cunho (auto)biográfico, vinculada a autores como Souza (2007); Delory-Momberger (2012), Passeggi; Nascimento; Oliveira (2016); Marques; Satriano (2017); Josso (2007, 2009); Borre (2020), entre outros. A partir das análises feitas, percebe-se que as artes manuais podem sim, promover uma educação mais humana, transformadora e emancipatória com relação aos aspectos sociais, cognitivos, emocionais e motor. Nesse viés, as artes manuais, por meio da educação, se tornam fundamentais para uma formação integral do ser humano.

Palavras-chave: Artes Manuais e Pedagogia. Narrativa Autobiográfica. Pesquisa (auto)biográfica em Educação.

RESUMEN

El presente trabajo trata sobre los aportes de las artes manuales a la educación con foco en la narrativa de un docente en formación. Las artes manuales que involucran la educación son poco trabajadas en las escuelas consideradas tradicionales, para explorar más los aspectos 'intelectuales', desestimando las artes como un mecanismo importante para la formación integral del individuo. Así, el objetivo de este trabajo parte de los aportes que las artes manuales pueden tener para la educación, a través de la elaboración de un relato autobiográfico surgido de mi formación personal y como pedagoga como "artista manual". Además de desarrollar una mirada sobre cómo las artes manuales estuvieron presentes en mi vida desde la niñez hasta la actualidad y sus principales aprendizajes; buscar investigar la relación entre las artes manuales y la educación a lo largo de la historia; analizar y reflexionar sobre cómo las artes manuales contribuyeron a mi formación como pedagoga y cómo mi experiencia puede contribuir a la Pedagogía. Se caracteriza por una investigación (auto)biográfica, vinculada a autores como Souza (2007); Delory-Momberger (2012), Passeggi; Nacimiento; Oliveira (2016); Marqués; Satriano (2017); Josso (2007, 2009); Borre (2020), entre otros. Con base en los análisis, es claro que las artes manuales sí pueden promover una educación más humana, transformadora y emancipadora en relación con los aspectos sociales, cognitivos, emocionales y motores. En este sesgo, las artes manuales a través de la educación se vuelven fundamentales para la formación integral del ser humano.

Palabra-clave: Manual de Artes y Pedagogía. Narrativa autobiográfica. Investigación (auto)biográfica en Educación.

SUMÁRIO

1 O PONTO DE PARTIDA.....	12
2 AS HISTÓRIAS DAS ARTES MANUAIS: DA INFÂNCIA PARA PEDAGOGIA.	19
2.1 Introdução das artes manuais na minha vida	19
2.2 A relação entre as artes manuais e a Pedagogia.....	31
2.3 As artes manuais na Pedagogia waldorf	38
3 A IMPORTÂNCIA DAS ARTES MANUAIS NA MINHA FORMAÇÃO COMO PEDAGOGA.	42
3.1 As linhas que ligam a vida pessoal com os processos formativos.....	42
3.2 O tecer do material e de si	45
4 AS CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES MANUAIS, A PARTIR DE MINHA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA, PARA A PEDAGOGIA.....	52
4.1 Entender os processos expressivos	52
4.2 Exploração das habilidades cognitivas, sociais e afetivas vinculadas às artes manuais.	62
4.3 Educação mais humana (o sentir, as experiências, as sensações).....	67
4.3.1 Práticas no Estágio de Educação Infantil.....	69
4.3.2 O que dizem os documentos educacionais sobre uma educação integral?	74
5 REALIZANDO O ACABAMENTO	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Carrinho de madeira
- Figura 2 - Construindo memórias no percurso do Ensino Médio
- Figura 3 - As flores que florescem: as cores dos primeiros adesivos de unhas
- Figura 4 - Minha primeira peça em crochê
- Figura 5 - Primeiros pontos de bordado
- Figura 6 - Evolução
- Figura 7 - Perfil profissional
- Figura 8 - Algumas das obras realizadas e expostas no Instagram
- Figura 9 - Tom Daley fazendo crochê
- Figura 10 - Flor que anima e traz alegria na vida
- Figura 11 - Mudanças interior e exterior
- Figura 12 - Construindo singularidades: uso da montagem e da forma
- Figura 13 - O processo da criação
- Figura 14 - Livro tátيل parte I
- Figura 15 - Livro tátيل parte II
- Figura 16 - Lupa da cultura
- Figura 17 - Releitura de uma autora desconhecida
- Figura 18 - Uma carta da Educação Infantil
- Figura 19 - Autorretrato
- Figura 20 - Ateliê Pintante
- Figura 21 - Olhar profundo
- Figura 22 - Interação e aprendizado no PET
- Figura 23 - Arte da emoção
- Figura 24 - Linha e tampinha
- Figura 25 - Linha e tampinha
- Figura 26 - Processo de recolher os materiais juntamente com a pintura da moldura
- Figura 27 - As obras das crianças

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC	Trabalho de Conclusão do Curso
PET	Programa de Educação Tutorial
UFC	Universidade Federal do Ceará
FACED	Faculdade de Educação
EI	Educação Infantil
EF	Educação Fundamental
PID	Programa de Iniciação à Docência
PIBIC	Programa de Iniciação Científica
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
IPREDE	Instituto Primeira Infância

1 O PONTO DE PARTIDA

O que seriam as artes manuais? De que maneira elas estão presentes na nossa vida? Quais os significados que elas podem trazer para auxiliar no processo educacional? Quais as participações e memórias elas podem remeter para o indivíduo? Como elas são vistas no decorrer da história da humanidade? As artes manuais contribuem para o desenvolvimento do ser humano? Começo este texto fazendo indagações sobre o que as artes manuais são dentro de uma sociedade, como história e artefato perante a elaboração de uma pesquisa e justificativa para a escrita deste trabalho.

As artes manuais representam todo o processo que envolve as contribuições do intelecto juntamente com as movimentações corporais, especificamente as mãos. Além disso, é uma forma de expressão significativa, necessária e relevante para o modo de exprimir o que o ser humano deseja enquanto indivíduo pensante, propondo em suas peças/utensílios sua maneira de expor o que muitas vezes, com palavras, não conseguem expressar.

Ademais, ela está presente em nossa cultura e na nossa sociedade desde os primeiros entrelaços desenvolvidos pelos nossos antepassados. Uma das nossas maiores e relevantes contribuições para isso foi a ação direta do homem e da mulher com as habilidades das mãos para a elaboração de artefatos e pinturas rupestres. Além de evidenciar a potencialidade das primeiras tecnologias que adivinham da época, como o uso de ferramentas construídas a partir da lapidação de pedras, assim como a criação de utensílios de caça e vestimenta para facilitar a sua vida com relação às necessidades humanas (RODRIGUES, 2023).

A partir do momento em que os seres humanos se organizaram coletivamente em suas primeiras tribos, comunidades e aldeias perceberam que necessitavam de materiais para suprir suas carências, como utensílios e artefatos que facilitavam o cozimento e disposição para colocar os alimentos, assim como ferramentas que pudessem ser de extrema utilidade para cortar e apoiar o alimento até a boca. Geralmente, faziam as peças manualmente, por meio da modelagem do barro, como também a lapidação de pedras, pedaços de madeira e pele de animais. Isso fazia com que eles pudessem criar tigelas de barro, potes para pôr água, arcos e flechas para caçar, lanças, além de confeccionar roupas por meio de couro retirado dos animais. Desse modo, surge também o processo de

transmissão de saberes, isto é, os recursos vinculados à imitação e a reprodução de conhecimento, neste movimento de construção e divisões de tarefas, tendo em vista, a experiência dos mais velhos para com os mais novos. Os mais experientes dessas comunidades, passavam seus ensinamentos e suas técnicas e aprendizagens que desenvolveram de acordo com as criações e processos criativos, que se fizeram presentes no tempo.

Com isso, entra a memória e as participações conjuntas que foram essenciais para o crescimento da sociedade, ainda hoje se evidencia a importância dessa manualidade, pois o ser humano, em sua essência, necessita de impulsos e significados para viver e expressar suas sensações e desejos advindos das experiências vividas.

Dessa maneira, com as peculiaridades das artes manuais para a constituição humana, percebi que teria uma possibilidade de elencar as aprendizagens das artes manuais aos aspectos ligados à pedagogia. Não sabia de início como fazer tal construção, mas o meu campo das ideias já estava a todo vapor.

Aquelas questões que suscitaram, me fizeram tomar um rumo do que eu realmente queria escrever, pois a todo instante comentava com as colegas de sala que esse seria meu possível tema de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Além de comentar com alguns docentes sobre essa possibilidade também. Diante de indicações, de discentes da universidade, encontrei pedagogias que falavam sobre a manualidade de tais conhecimentos das artes manuais com o desenvolvimento do indivíduo, nessas estavam a Pedagogia Waldorf, Pedagogia Montessoriana e também a Abordagem de Reggio Emilia, focada na “Pedagogia da Escuta”¹.

Desse modo, a motivação para escrever e pesquisar sobre essa temática está muito relacionada com a minha vivência, minhas experiências de vida: o linhar, o pintar, o descobrir como se faz os objetos e além disso, aprender com avós e tios sobre a essência dos materiais, foi de extremo valor para a minha identificação com as artes manuais. Adorava observar meu avô criando carrinhos de madeira (Figura 1), nos momentos que eram permitidos, já que em alguns instantes ele não deixava entrar no seu pequeno quartinho dos “bregueços”, como minha avó falava. Acredito que a percepção dele enquanto um ser pequeno e curioso como eu, não poderia ficar livre para explorar muito os materiais que ele dispunha, para não ter o perigo de me machucar ou até mesmo desorganizar os utensílios.

¹ Uma breve apresentação da pedagogia da escuta.

Figura 1 - Carrinho de madeira²



Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/695665473671255782/>

Na escola, amava participar de atividades que exercessem a pintura, colagem, realizar tarefas que fossem fora do escrever, ler e copiar, não que essas últimas habilidades não fossem feitas com dedicação, mas as que eu mais admirava e realizava com muita atenção e concentração eram as que fossem possíveis manusear, criar, sentir e entender como poderia melhorar aquele objeto que estaria nas minhas mãos.

No Ensino Médio, participar de peças e elaborar trabalhos nas feiras culturais tinha toda uma motivação, além de proporcionar aquele conhecimento de maneira que os colegas entendessem da melhor forma, trazendo materiais ressignificados que poderiam ter um sentido novo em um tempo diferente. Esse mecanismo de observar, pensar, fazer e sentir é o que me move até hoje com relação ao interesse com as artes manuais. O sentir por vezes, é o que há de mais significante, pois o desejo que move, a realização e a satisfação acabam completando todo um aglomerado de sentimentos. É como a ação de pintar para mim, inicia de maneira avassaladora e termina com uma calmaria.

A partir disso, notei uma maior desenvoltura para a área das artes envolvendo o pintar, o fazer cotidiano e além disso, mais a frente, o tecer, crocheter e alinhavar das habilidades manuais. Depois de entrar no curso Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC), no ano de 2018, e estudar sobre os processos psicomotores em uma

² Parecido com os carrinhos que meu avô fazia.

disciplina optativa e deslumbrar com as possibilidades que arte e educação podem proporcionar no desenvolvimento do indivíduo, pensei então que poderia atrelar as questões do pensar e sentir também relacionados nos estudos da educação artística e estética dos sujeitos através das artes manuais.

Assim, minhas inquietações pertencentes a esse trabalho são: Como as artes manuais estiveram presentes na minha vida da infância aos dias de hoje? Qual a importância das artes manuais para minha formação como pedagoga? Que contribuições posso identificar, a partir da minha experiência com as artes manuais, para a pedagogia? Qual a contribuição das artes manuais para a educação?

Diante disso, busco com essa temática, como objetivo geral deste trabalho refletir sobre as contribuições que as artes manuais podem ter para a educação, através da elaboração de uma narrativa autobiográfica advinda da minha formação pessoal e como pedagoga enquanto “artista manual”. Como objetivos específicos, essa pesquisa almeja desenvolver um olhar de como as artes manuais estiveram presentes na minha vida da infância aos dias de hoje e suas principais aprendizagens; investigar a relação entre as artes manuais e a educação ao longo da história; analisar e refletir de que maneira as artes manuais contribuíram para minha formação como pedagoga e como a minha experiência pode contribuir para a Pedagogia.

No que tange pedagogias que explicitamente valorizam as artes manuais, pretendo trazer como inspiração a perspectiva da Pedagogia Waldorf, tendo em vista que, nesta Pedagogia desenvolvida por Rudolf Steiner, se trabalha muito com os aspectos ligados ao pensar, sentir e querer dos indivíduos, perante uma perspectiva ligada aos nortes da Antroposofia, ou seja, que envolve o sujeito no seu desenvolvimento integral tanto em ações motoras, cognitivas, sociais e espirituais, tendo as artes manuais como eixos significativos de atividades (LANZ, 1998).

Metodologicamente, esta pesquisa denota-se qualitativa, ou seja, a pesquisa qualitativa é uma forma de mostrar a singularidade quanto ao processo de desenvolvimento presente em uma cultura e em um povo. Estando o pesquisador imerso no contexto, nos costumes, e nas ações cotidianas que fazem parte da constituição enquanto indivíduo, ser subjetivo e pertencente aos processos formativos (GOLDENBERG, 2004). Para Minayo (1994), o investigador-pesquisador está inserido nesse mecanismo por meio da formação enquanto indivíduo pertencente à sociedade, na busca de solucionar suas dúvidas e questionamentos presentes nas inquietações que cerne a pesquisa. Devido a isso, optei pela pesquisa qualitativa tendo em vista, a dimensão

singular e plural pela qual ela é focada. Além de estabelecer uma relação direta com minha pesquisa de maneira satisfatória perante o estudo aprofundado, ressaltando a identidade da temática e do pesquisador, sem atrelar a questões quantitativas.

Ademais, dando enfoque a pesquisa com cunho autobiográfico, isto é, reconhecer em si as participações diretas e indiretas presentes nas histórias significativas de processos particulares e multiculturais que fazem parte da narrativa enquanto sujeito participante da sociedade. Através das contribuições da Pesquisa (auto)biográfica, vinculadas a autores como Souza (2007); Delory-Momberger (2012), Passeggi; Nascimento; Oliveira (2016); Marques; Satriano (2017); Josso (2007, 2009); Borre (2020) à qual busca colocar em evidência “(...) os processos de constituição individual (de individuação), de construção de si, de subjetivação, com o conjunto das interações que esses processos envolvem com o outro e com o mundo social” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 136). Assim, os momentos e a consciência social refletem nos aspectos da construção e das ações de um indivíduo no determinado contexto histórico, social e econômico por meio de sua participação ativa. A pesquisa (auto)biográfica resulta da compreensão sensitiva e expressiva do ser hermenêutico, em que promove uma exploração singular plural dos complexos vividos.

Diante disso, Marques e Satriano (2017), ressaltam que

A pesquisa autonarrativa fundamenta-se na descrição, reflexão e introspecção tanto intelectual quanto emocional do narrado (em sintonia com autores escolhidos por ele dentro de um contexto sociocultural para interlocução teórica) e do leitor/interlocutor da narrativa. (p. 377)

Assim, a autonarrativa é um meio de o autor ser o próprio feitor e expositor da sua história, envolvendo todo um complexo contexto de suas vivências e experiências diante dos aspectos históricos e culturais de sua época.

Com isso, o desenvolvimento deste estudo vai ser baseado na minha história enquanto ser social e ativo da sociedade, além de estabelecer relações com o meu percurso enquanto pedagoga em formação. Ser protagonista dessa história é algo singular, glorioso e perspicaz. A escolha de ser sujeito deste estudo vem muito do querer expressar meus desejos e saberes diante um contexto no qual vem sendo apagado o sentido da memória e das percepções dos seres singulares, além de perceber poucos recursos acerca do tema em questão, as artes manuais na formação dos indivíduos, pois entra aqui não apenas um desejo unitário, mas de alguns que estão entrando no esquecimento e perdendo o molejo da própria história. Vejo essa proposta da narrativa (auto)biográfica como uma alternativa

de dar voz e vez a quem está sendo deixado de lado perante os novos mecanismos da sociedade atual, sempre veloz e compulsiva de suas próprias nuances.

Diante da abordagem que estou inserida, busco resgatar nos momentos memoráveis os resquícios da contribuição e interação com familiares sobre as artes manuais na minha formação, como uma pesquisa-ação-formação (PASSEGGI; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016), presente durante o contexto histórico e as relevâncias que esses conhecimentos trazem para a minha formação enquanto indivíduo social e aprendente da sociedade e de seu entorno. Com isso, ressalto a importância de recursos ligados a acervos familiares, a fotografias autorais e a escrita para fins de meios metodológicos, agregando também aos modos da pesquisa bibliográfica (GOLDENBERG, 2004; MINAYO, 1994).

Conforme os seguintes autores, como Ortega (2021); Veiga (2021); Pedrosa (2018); Saiola (2021), que compreendem e relacionam as artes manuais ao quesito da educação vinculada à formação do indivíduo, é imprescindível observar a importância de trabalhar com as habilidades das mãos a princípio relevantes para formação do sujeito, envolvendo a concentração, a atenção nos requisitos ambientais e sociais, maior autonomia, resolução de problemas com maior perspicácia, motivação para realizar projetos, auxiliando no processo imaginativo e criativo. Desse modo, nota-se interessante a reflexão perante os novos desafios da sociedade e da escolarização nos aspectos vinculados a uma educação que visa uma formação plena e significativa das crianças e futuros adultos, conforme os aspectos desenvolvidos na minha trajetória de vida, que entendam seus processos do pensar e sentir diante das adversidades que a vida constitui, proporcionando um equilíbrio entre formular e ser.

O presente trabalho será dividido em três capítulos: as histórias das artes manuais: da infância para pedagogia; a importância das artes manuais na minha formação como pedagoga; e as contribuições das artes manuais, a partir de minha experiência, para a pedagogia. No primeiro momento, irei abordar os nós e os alinhavos que as artes manuais desenrolaram no decorrer da minha formação. Buscando ligar as linhas e evidenciar as tramas que fazem imersão na trajetória do curso que a agulha faz nos entremeios do tecido para a formação de um ser em constante transformação. Utilizarei os seguintes autores para a articulação de conhecimentos e troca de experiências: Brandão (1989); Penna (1934) e Larrosa (2002).

No segundo momento, trazer as ligações realizadas anteriormente para a formação enquanto pedagoga, desenvolvendo as alternativas que as linhas do conhecimento podem

estabelecer e promover no decorrer dos seus trabalhos, podendo muitas vezes estar cheios de nós, pontos atrás, pontos rococó e arremates. Os autores que irão embasar essas reflexões serão Josso (2007, 2009) e Borre (2020).

No terceiro momento, será direcionado para a consolidação das obras realizadas, de como as artes manuais, em suas infinidades e movimentos, podem auxiliar na promoção de uma educação satisfatória, carregadas de expressividade, concentração, criatividade, estratégias e organizações. Os autores que embasaram esse diálogo: Pedrosa (2018); Saloio (2021). Por fim as considerações finais deste trabalho, retomando os objetivos dessa pesquisa elencando as principais reflexões e aprendizagens desse processo de imersão sobre as artes manuais para a minha formação pessoal e profissional e as contribuições para a Pedagogia.

2 AS HISTÓRIAS DAS ARTES MANUAIS: DA INFÂNCIA PARA PEDAGOGIA.

“As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras.”
 (LARROSA, 2002, p. 21).

Neste capítulo, o objetivo que promoverá uma maior interligação com as linhas que cerne o meu percurso será: como as artes manuais se fizeram presentes na minha vida, da infância até os dias de hoje, elaborando uma narrativa desde a infância até a graduação do curso de Pedagogia. Os autores que farão parte das trilhas desta caminhada serão: Brandão (1989); Osinski (2001); Joso (2007); Freire (2018); Larrosa (2002) e Ortega (2017).

2.1 Introdução das artes manuais na minha vida

O que dizer das artes manuais na minha vida? Bem, começo com esta pergunta para poder dar início ao diálogo que pretendo dispor. Sou Natália, mulher, bordadeira, crocheteira, estudante de pedagogia, apaixonada por momentos inusitados como também de estar no coletivo, viver os momentos com delicadezas e minuciosidade. Filha de Paulo e Maria das Dores, os quais me deram a oportunidade de chegar onde estou hoje. Meus pais são trabalhadores, meu pai como motorista de caminhão e minha mãe como diarista. Ambos trabalhavam para sustentar uma casa com quatro filhos (Menescau, Leonardo, Natália e João Paulo). A nossa rotina era algo bem cotidiano, cedinho levantar, arrumar-se e sair para as tarefas do dia (eu e meu irmão mais novo, seguíamos minha mãe para as casas das pessoas em que ela trabalhava, geralmente minhas tias).

O percurso de casa para o trabalho e do trabalho para casa era rotineiro. Nada muito diferente de pessoas que precisam do trabalho para poder se manter e suprir as necessidades básicas. Diante das horas que tinha dentro da casa das minhas tias e por outros momentos, nas de meus avós paternos, fui me formando enquanto sujeito. Segundo Brandão (1989), existe uma variedade de tipos de educação, além das estabelecidas formalmente,

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educação? (BRANDÃO, 1989, p. 3)

Na casa de minha avó, era uma das partes do dia em que se podia brincar, se divertir com os primos e correr. Nem todas as vezes, a linha era tão frouxa quanto lá. Precisando ajudar minha mãe, principalmente nos afazeres de casa e do trabalho (por vezes, não sendo o que queria na época, mas sendo ‘imposto’ perante as circunstâncias), fez com que eu fosse tolhida em partes, das expressões e experiências. Mas em decorrência da aproximação com uma de minhas tias, pude conhecer um pouco do que era o mundo além do que eu tinha em vista. Ela me proporcionou saídas a praia, a museus, ao teatro e também a piqueniques ao ar livre, o que era extraordinário (me sentia como um pássaro livre, mesmo que fosse por alguns instantes).

Em decorrência das amarras que levaram a ter minhas vivências um pouco menores, entendo hoje que enquanto pais, eles me deram o mínimo, porém suficiente para me formar como sujeito. Desse modo, fica bem claro, que não posso culpabilizar meus pais por tais negligências (mesmo sabendo que eram deveres), pois não havia tempo suficiente para isso, tinham outras responsabilidades mais urgentes, como as requerentes à alimentação, vestimentas, saúde e educação.

Dessa maneira, reitero com as palavras de Brandão, sobre o educar o indivíduo para sua constante promoção na vida em virtude de uma educação para controlar, manter ou emancipar os sujeitos.

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos. (BRANDÃO, 1989, p. 4)

Isso remete muito aos aspectos que fazem da educação um dos caminhos para a transformação da sociedade ou até mesmo estagnação. Auxiliando no processo de liberdade ou aprisionamento de mentes, ou seja, vem carregada de significados de acordo com o contexto no qual ela está sendo construída. Por vezes, para a aquisição de

manutenção dos recursos da classe pela qual o contexto familiar se encontra, pode tendenciar e direcionar a posição de conservação da tradição. No entanto, o que faz a mudança acontecer são os recursos e possibilidades que podem ser proporcionadas a cada indivíduo.

Dessa maneira, vejo que eles também não tiveram essa abertura e promoção de uma educação diferenciada, que pudesse explorar a diversidade das linguagens, pois desde novos tiveram que se entregar ao mundo do trabalho, sendo suas escolhas ou não, mas foi o que resultou.

A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação. (JOSO, 2007, p. 419)

Segundo Josso (2007), essa abordagem das histórias de vida, se faz presente no momento em que estou nos alinhavos e nas costuras entre tecidos que as situações podem proporcionar, ou seja, vivências que são marcadas por memórias por meio das quais estou e construo meu caminho a partir das recordações e dos contextos existentes. Além do mais, percebendo as complicações e as correlações que levaram a seu determinado fim, desenvolvendo um processo reflexivo e projetivo sobre o vivido.

Assim, para chegar realmente à pergunta que fiz no início deste tópico, meu contato com as artes manuais iniciara a partir do momento em que presenciei e observei a costura de cadernos (na gráfica da minha tia), no fazer do dia a dia, nas primeiras experiências com alguns materiais esporádicos advindos das atividades escolares e das experimentações que me ocasionavam curiosidade. “É o homem, com sua conduta, seus comportamentos e atos, quem faz a história, a arte e a transmite seus conhecimentos por meio do ensino, formal ou informal, perfazendo o caminho de um processo evolutivo e progressivo denominado educação” (OSINSKI, 2001, p. 7). Desse modo, conforme a autora retrata, a educação e a arte em seus entrelaços nos forma como seres competentes de expressões e de virtudes que advindas da construção contínua de novas experiências nos transforma em seres com compreensões ímpares envolvendo aspectos intra e interpessoais.

Dessa maneira, as atitudes de aprender e conhecer aquelas atividades me faziam sair da inércia mental, buscando entender os mecanismos de criação que poderia dar margem para realizar. Cada detalhe observado era significativo, não via apenas como uma técnica, via como uma expressão relevante para o meu pensar e construir diante do meu meio. Pode ser visto, segundo os aspectos históricos das artes, como algo apenas reprodutivo, sem sentido e sem conexão forte com a sociedade, mas acredito que sim, ele tem uma sensibilidade perante os olhos e as percepções de alguns.

Como minha mãe trabalhava na casa de algumas tias, e em uma delas (tia Irene) na época havia uma gráfica, na qual meu irmão do meio trabalhava, eu amava ir para o quartinho que ele ficava para vê-lo costurando e montando as letrinhas que eram grafadas nos cadernos, em máquinas de imprensa. E como gostava de ficar vendo, teria que ficar calada e olhando (sendo por ora algo chato, já que queria falar, perguntar), sem fazer muito barulho para que ninguém fosse me tirar de lá. Até porque não poderia ficar naquele ambiente, pois minha tia não gostava (segundo ela poderia me machucar ou atrapalhar meu irmão). Essa era uma das minhas escapulidas para apreciar o fazer manual, meus olhos brilhavam, observando como aquilo era tão mágico e o quanto eu queria fazer como ele. “O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (LARROSA, 2002, p. 25). Sabe aquela vontade, desejo e alegria de aprender? É o que eu sentia.

No período escolar, adorava os momentos que remetessem a fazer algo no pátio, ou até mesmo dentro de sala, mas que fosse dinâmico. Nas aulas artísticas no jardim (como era chamado na época a pré-escola), muitas vezes era apenas pintar papéis com figuras prontas de anjinhos ou ursinhos bem aleatórios, para que fossem entregues no final do ano para os pais ou mesmo colar algodão em formas já prontas, sem fazer muito sentido, apenas promover sua participação (creio que era uma das maneiras de desenvolver aspectos sensório motores finos e promover experiências com texturas, porém de maneira limitante). Já no ensino fundamental I, era algo mais direcionado, mesmo assim amava participar das feiras de gastronomia, das culturais e dos projetos que tivessem um valor social. Parecia que essas aproximações já poderiam dar indícios de afinidade com a área de humanas (risos).

Já no ensino médio (Figura 2), por toda a cobrança que existe nesses três últimos anos da educação básica, teve vários ‘nós’, muitos deles difíceis de desatar, mas necessários como a decisão de curso, saída de casa e novos aprendizados. Uma das atividades que comecei a realizar nesse período foi a construção de adesivos de unhas (Figura 3), pois queria movimentar algum ganho financeiro e também conciliar algo que eu gostava de fazer, pintar (mesmo sabendo que o valor era super baixo, mas o que importava era o modo pelo qual eu poderia fazer e sentir mais aliviada das turbulências do momento).

Figura 2 – Construindo memórias no percurso do Ensino Médio.



Fonte: arquivo pessoal, 2021.

Figura 3 - As flores que florescem: as cores dos primeiros adesivos de unhas.



Fonte: arquivo pessoal, 2015.

Diante de todo esse percurso narrativo sobre alguns momentos importantes e marcantes da minha vida, devo lembrar que meu objetivo é salientar como as artes manuais estiveram presentes da infância até hoje. De início, se deu logo com as tentativas da costura (acredito que eu tinha uns oito anos de idade), desde pequena tinha essa questão de aprender a costurar, pois na casa de minha avó havia tias que costuravam, como também solicitavam o serviço de algumas costureiras para fazer vestidos. Minha avó paterna mandava fazer suas roupas, assim como uma tia de meu pai, que morava também com meus avós.

Desse modo, quando a costureira chegava eu já direcionava meu olhar para ver como ela fazia as roupas, mesmo sabendo que não podia nem sequer pegar na máquina ou sequer atrapalhá-la (isso irritava a minha avó, ali não era lugar de criança). Mas como uma criança curiosa, perguntava como ela ia fazer a roupa, como funcionava a máquina (eram aqueles modelos mecânicos, de pedais que deveria impulsionar com os pés para poder funcionar).

Depois, com quatorze anos, comecei meus primeiros pontos de crochê. A tia de meu pai, já velhinha, começou a me ensinar, do mesmo modo da costura quando havia tempo durante meu dia, ia para perto dela observá-la a crochetar. Ficava maravilhada, entusiasmada, concentrada e na escuta sobre as histórias e a organização que os seus dedos e suas mãos se posicionavam no entrelaçamento dos pontos no tecido. Ela contava que, na época que era moça, jovem só tinha a possibilidade de ganhar um vestido, que este seria no dia do aniversário ou alguma festa importante que fosse ter na cidade. Enquanto ela contava, eu ficava sentada no chão, prestando atenção na sua voz e no crochê em suas mãos.

Logo mais, perguntei se ela poderia me ensinar a fazer crochê. Não percebo o crochetar como um ‘passatempo’ ou até mesmo como ‘coisas de mulher’ que deve ter suas habilidades para impressionar as pessoas perante o casamento. Vejo como uma forma de expressão significativa, além de mostrar uma potencialidade incrível das mãos interligadas diretamente com as estratégias e organizações do cérebro. Por meio do trabalho manual é possível resgatar sua identidade cultural, sua memória e sua tradição (ORTEGA, 2017, p. 21). Os contextos aos quais o crochê e as artes manuais são construídos de acordo com suas amarrações históricas, sociais e culturais. Desse modo, percebo que somos frutos de nosso tempo, o crochê ou até mesmo o bordado significava para minhas tias, em seus processos, uma alternativa diferente do que eu sinto e percebo diante os meus parâmetros sociais, mesmo sabendo que a formação delas faz parte de mim.

Então, a partir do meu pedido, ganhei a minha primeira agulha de crochê. Além da agulha, ela me deu um pequeno pedaço de pano azul, para que quando eu aprendesse os pontos básicos, pudesse fazer algum bico ou o que quisesse no tecido. A ansiedade tomou conta de mim, todos os dias, quando possível, estava perto dela para poder aprender mais. Ela já com a vista um pouco ruim, me falava os comandos que deveria fazer, mas quando não entendia, ou até mesmo ficava inviável dela explicar, busquei aprendizagens em outros espaços, na internet, especificamente no *YouTube*. Logo, logo em questão de dias consegui fazer meus primeiros pontos, assim como fazer o paninho que ela havia me dado (Figura 4).

Figura 4 - Minha primeira peça em crochê.



Fonte: arquivo pessoal, 2016.

Assim, meu desejo e motivação por conhecimento só foi aumentando cada vez mais. Fiquei querendo aprender outros pontos diferentes e também outras artes manuais como o bordado. O bordado se fez presente já no período da faculdade, quando tive contato na bolsa do Programa de Educação Tutorial (PET), com uma das bolsistas (Flávia, que sabia a arte do bordado), no qual participei no primeiro ano (2019.2). Depois dela instigar, essa vontade de aprender sobre o bordado, utilizei da pesquisa na internet de sites e vídeos que falassem sobre e que disponibilizassem pontos mais comuns para iniciantes. Desse modo, comecei as atividades no bordado. Meus primeiros pontos foram feitos em um pedacinho de pano de algodão cru (Figura 5). Em seguida trago um mais atual e já percebo o quanto evolui (Figura 6).

Figura 5 - Primeiros pontos de bordado.



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Figura 6 - Evolução.



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

Os pontos estão mais fáceis de traçar, assim como as direções mais consolidadas. Assim como a educação que nos cerca, o conhecimento que nos rodeia faz com que o

tempo e as contribuições do aperfeiçoamento e da procura por aprender nos leve à mudança. Mas, olhando para essa obra, lembro o quanto foi e é significante para mim, saber que consegui construí-la e observar minhas evoluções enquanto sujeito aprendente. Segundo Freire (2018), as ações contribuintes dos aprendizes e seus mestres ou certos métodos de aprender diversificado com uso das tecnologias, por exemplo, levam os indivíduos à transformação como também à demonstração de um viver que vai além das técnicas. Para o autor,

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 2018, p. 26)

O ensinar e o aprender que Freire vincula nos traz um olhar perante a oportunidade de momentos, motivações e desejos que envolvem o ser curioso e investigativo, trazendo consigo o panorama de complexidade e de seriedade, promovendo um ambiente de satisfação para a construção do conhecimento.

Com isso, utilizei o bordado vinculado ao crochê como uma parte de expressividade do meu ‘eu’. No período da pandemia³, foi uma das minhas escapatórias para não mergulhar no poço profundo da tristeza, medo e flutuações entre tantas notícias horríveis que me acometeram. Bordar e crocheter está na mais íntima ligação do meu ser. Esse que te move, te leva e diminui os afagos que a vida pode ter. Por vezes, as linhas que entravam e saiam estavam abrindo caminhos para deixar o fluxo fluir para seguir adiante.

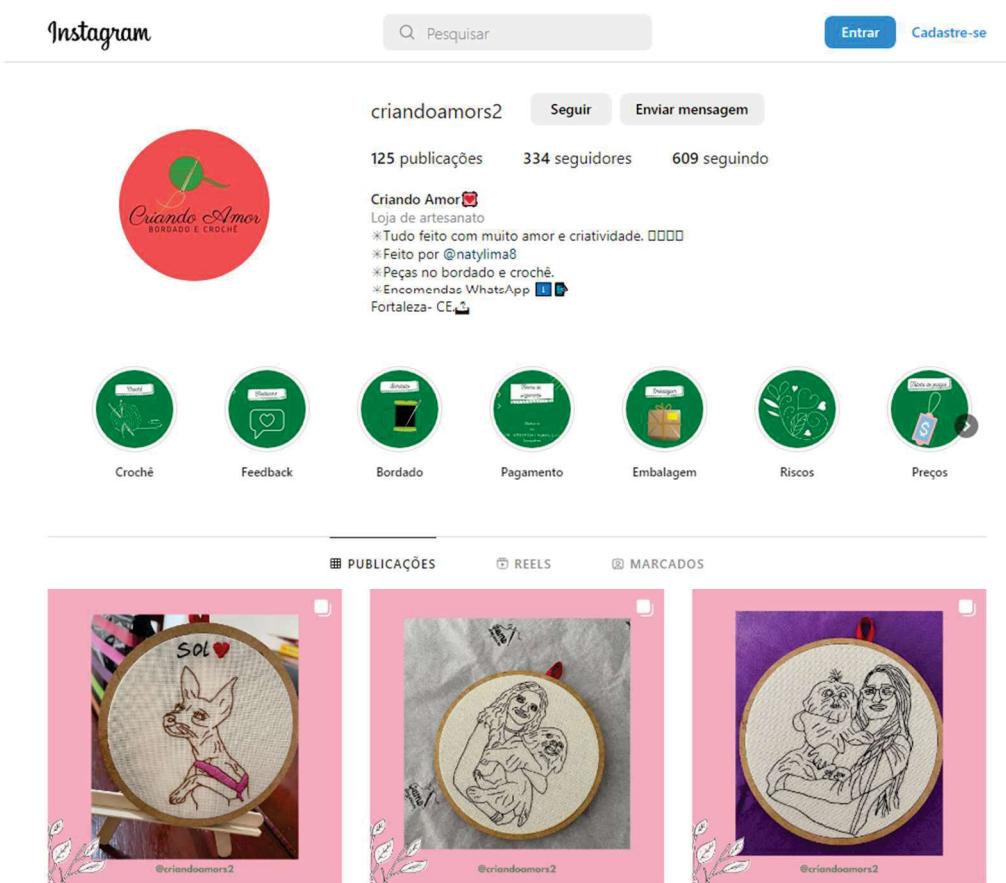
Com essas meras palavras, vão se abrindo portas muitas vezes fechadas que as artes manuais podem auxiliar nesse percurso, pois “as mãos do artesão produzem objetos que carregam em si o resultado entre as subjetividades do seu criador e o contexto histórico e social em que este está inserido” (ORTEGA, 2017, p. 22). Assim, fui descobrindo cada vez mais por meio das pesquisas e da colaboração no Ensino Superior

³ Pandemia da Covid-19, uma doença desenvolvida pelo vírus SARS-CoV-2, pelo qual foi identificado no ano de 2019 na China e se espalhou pelo mundo, levando a milhares de mortos por meio da infecção. Além de deixar várias pessoas em estado grave. Isso levou a nos isolarmos por um período de dois anos, para reduzir a quantidade de casos e disseminação da doença, como também a espera de uma vacina (OPAS, 2023).

como é o desenvolvimento do conhecer e da importância da teoria vinculada à prática. O sentido que ambas dispõem para a formação de aprendizagens dos indivíduos.

Em decorrência dos processos pelos quais passei, foi através das artes manuais que consolidei minha prática enquanto ‘artista’ dos fazeres manuais. Comecei então a construir um perfil profissional pelo qual pudesse expor minhas peças em crochê, quanto meus bordados. Um dos meios de contribuir também para minha renda. O perfil profissional se encontra no *instagram*⁴ (Figura 7), buscando expandir meus trabalhos para os lares e ambientes de outras pessoas, por saber que cada peça leva consigo um pouco da minha identidade, do carinho e da singularidade que cada trabalho constitui.

Figura 7 - Perfil profissional.



Fonte: <https://www.instagram.com/criandoamors2/>

⁴ [@criandoamors2](https://www.instagram.com/criandoamors2/)

Figura 8 - Algumas das obras realizadas e expostas no Instagram.



Fonte:<https://www.instagram.com/criandoamors2/>.

Em cada detalhe das obras (Figura 8) leva consigo um artear⁵ de viver, consolidado de sentidos e sentimentos que são promovidos através das sensações e expressões que as minhas mãos constroem. Dessa maneira, proponho no próximo tópico tratar sobre os aspectos das artes manuais ligadas à pedagogia.

⁵ Um termo criado por mim, ressaltando a junção de arte com o ar da vida, o tear.

2.2 A relação entre as artes manuais e a Pedagogia

Educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano. (LIBÂNEO, 2001, p. 7).

Neste tópico tratarei sobre as artes manuais e a pedagogia interligando as duas, em um processo de construção de conhecimento e relevância dos aspectos das artes manuais para a educação. O objetivo é analisar qual a relação das artes manuais para a educação. Para dar suporte às discussões, utilizarei Josso (2007); Penna (1934); Libâneo (2001); Sennett (2019); Lanz (1998); Osinski (2001) e Freire (2018).

O que é a Pedagogia? Como ela é desenvolvida perante os aspectos educacionais? A origem da palavra pedagogia vem do grego, *paidós* que significa “criança” e *agogos*, que remete a “condução”, ou seja, o que conduz os ensinamentos das crianças. No entanto, sabemos que a pedagogia não está somente ligada a isso, mas sim remete todo um complexo contexto envolvendo um campo de ciência, metodologias e ensinamentos.

As relações estabelecidas desde o período Paleolítico ao Neolítico eram desenvolvidas por ensinamentos e manipulação de recursos advindos por meio de formações orais, aperfeiçoamentos e aprendizagens promovidas nas tribos e nas comunidades, sem uma direção formal de um mestre, mas sim a contribuição de todos no processo educativo. (CAMBI, 1999)

Com o aperfeiçoamento das comunidades e na construção de sociedade mais complexas, envolvidas em rotas marítimas e expansões devido o número crescente da população e da necessidade de novos recursos, veio a formação das *pólis*, que eram as cidades-estados na Grécia Antiga, que foi evidenciada a criação de classes sociais, pelas quais as atribuições eram para pessoas que tinham um certo grau de prestígio na época. (CAMBI, 1999)

Cada cidade e época estabelece seus valores e princípios que se farão importantes para discernir os encaminhamentos da sociedade em que está inserida, perante os ensinamentos da educação, “retomando a história, vemos que a Grécia dos tempos homéricos preparava o guerreiro; na época clássica, Atenas formava o cidadão e Esparta

era uma cidade que privilegiava a formação militar. Na Idade Média, os valores terrenos eram submetidos aos divinos, considerados superiores e assim por diante.” (ARANHA, 1990, p. 51)

Desse modo, o histórico da história da pedagogia está entrelaçado a conjunto de ideias e princípios que são postos em permanência das teorias e técnicas promovidas para algumas classes dominantes e o trabalho para as classes dominadas, uma detinha das condições referentes para a época e outras eram rejeitados, ressaltando as limitações que as sociedades antigas eram privadas em detrimento das classes sociais, do sexo e da idade, promovendo o direito apenas a uma restrita parcela do povo. (CAMBI, 1999)

Segundo Libâneo (2001), a pedagogia está vinculada às estruturas praxiológicas perante as relações sociais e as realidades propostas. “Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais” (LIBÂNEO, 2001, p. 6).

Diante disso, percebe-se o quanto a pedagogia é relevante nos processos históricos e sociais que se fazem presentes até os dias de hoje. A pedagogia não remete apenas ao espaço escolar, mas sim em vários ambientes que existam relações humanas e trocas de experiências, pois cada ensinamento, estratégias, intencionalidade e finalidades ligadas à prática educativa tem os nortes da educação.

Buscando na história da pedagogia e suas influências, encontra-se a relevância e diversidade dos espaços educativos, onde “o campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola” (LIBÂNEO, 2001, p. 6). Dessa maneira, é evidente o quanto o contexto educacional é amplo.

De acordo com estudos vinculados à arte e à educação, percebe-se que os trabalhos com as mãos no período Paleolítico, eram aspectos marcantes de uma sociedade pela qual os artistas de sua época utilizavam seus conhecimentos como estratégia educativa e também de sentidos para a prática humana. Além disso, eram utilizadas metodologias de transferência de conhecimento acerca das experiências em que gerações anteriores adquiriam e passavam para os jovens (OSINSKI, 2001).

No período Neolítico, diante do crescimento das comunidades e cidades-estados foi sendo necessária a ampliação de mecanismo da divisão de trabalho quanto da comercialização de produtos de maneira mais especializada, em decorrência disso, o processo de habilidades manuais significou algo banalizado e produzido por um custo baixo, ainda por ser realizado por pessoas escravizadas, colocando essa posição de trabalho servil (OSINSKI, 2001).

Já na Idade Média, os que tinham acesso à cultura, arte e literatura eram os monastérios, tendo em vista a grande influência da igreja católica neste período, em que controlava os processos educacionais dos jovens e davam suporte para a formação dos mesmos. Além de treinar trabalhadores livres e artistas itinerantes. Dessa forma, a arte e suas habilidade manuais eram direcionadas para um certo objetivo específico que era para atender as demandas dos aspectos religiosos (OSINSKI, 2001).

Os artesãos, para enfrentar os momentos de sufoco pelo contexto histórico e a desvalorização de seus trabalhos, em meados do séculos XII e XIII, propuseram criar corporativas que vincularam regras e processos por meio de uma instituição, promovida por uma hierarquia de mestres construtores, mestres artesãos e aprendizes, cada qual tinha uma tarefa a desempenhar advindas de instruções para os demais, de maneira colaborativa para um determinado fim em comum: a criação de um produto (OSINSKI, 2001).

Já no período do Renascimento, em que vem consigo uma mudança de mentalidade e com ela a inserção no mundo da ciência, buscando atrelar o naturalismo como vertente para a promoção de um olhar mais decisivo e consciente dos aspectos naturais, principalmente vinculado à arte. Desse modo, reabre os caminhos de acordo com o período Clássico, para princípios desenvolvidos de uma perspectiva mais intelectual baseada na ideia de uma arte autônoma. Agora, com a aquisição de um trabalho reconhecido a partir do reconhecimento da burguesia da época, as obras de artes eram consideradas e também os artesãos se tornaram trabalhadores intelectuais livres, criando produtos artísticos fruto de um conhecimento (OSINSKI, 2001).

A partir disso, foram promovidos espaços, ateliês que desenvolviam “um ambiente de aprendizado, em meados do século XV, combinava elementos da prática pedagógica das oficinas com o conhecimento humanista” (OSINSKI, 2001, p. 27), estabelecendo uma duração média de oito a dez anos para que pudesse ser denominado mestre. Dessa maneira, para os artistas do Renascimento, “a arte era um meio de pesquisar

o significado da existência” (OSINSKI, 2001, p. 28), buscando sempre estabelecer relações naturais da vida com os conhecimentos advindos do processo da história da arte, vinculada a técnicas e correntes artísticas. Os artistas mais conhecidos e considerados grandes nomes do Renascimento são “Giotto, Brunelleschi, Leonardo da Vinci, Rafael e Michelangelo, que acumulavam as habilidades de arquitetos, pintores e escultores” (OSINSKI, 2001, p. 29), pessoas essas que contribuíram não somente para as áreas da ciência de artes e/ou humanas, mas também para as exatas.

Dessa forma, com o passar dos anos e séculos, ainda assim o trabalho dos artesãos, por muitas vezes, continuava empobrecido, necessitando sempre da concordância de regentes do poder e/ou governantes, além de ter como finalidade uma obra que deveria ser produzida para outrem que julgaria se estaria razoavelmente aceitável.

Com isso, no momento do processo de industrialização das cidades, em meados do século XIX, encontrava-se um crescimento exorbitante para contemplar as diversidades do contexto, para desenvolver um trabalho de especialização e aprimoramento de técnicas para afazeres ligados às grandes indústrias. Neste momento, existe um deslocamento das pessoas do campo para as cidades, pelos quais não conseguem mais encontrar serviços no campo e acabam migrando para a cidade. Muitas dessas pessoas não têm uma certa estrutura de formação suficiente para a promoção de saberes que constituem o funcionamento dos equipamentos das fábricas, assim aparece os modos de produções seriados, perdendo todo aquele contexto e significado do que realmente estejam construindo, diferentemente do trabalho artesanal em que promove todo um aparato geral do produto. (NEVES; SOUSA, 2023)

Essa relação remete muito às questões desenvolvidas muitas vezes em sala de aula atualmente, acerca da desvinculação de conteúdo sem sentido de acordo com as realidades dos educandos.

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de *apreender*. Por isso, somos os únicos em quem *aprender* é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a *lição dada*. Aprender para nós é *construir, reconstruir, constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura de espírito. (FREIRE, 2018, 68)

Quando se tem uma aproximação de conhecimento com os contextos sociais dos educandos se promove uma maior qualidade do ensino, além de levar em consideração a sua bagagem emocional, social, política e cultural. “A educação é uma prática social que busca realizar nos sujeitos humanos as características de humanização plena.” (LIBÂNEO, 2001, p. 8)

Em meados dos séculos XV, a partir do Renascimento, ou seja, vinculado ao resgate dos aspectos do naturalismo, entrelaçados com “o caráter científico e metodológico e passou a dominar a expressão artística, convertida no estudo da natureza” (OSINSKI, 2001, p. 25), começou então, o processo educativo ligado às técnicas e também às questões relacionadas aos propósitos do conhecimento humanista, como um marco na estruturação da história da arte:

Além do treinamento manual, para o domínio dos instrumentos e técnicas artísticas, o futuro artista obtinha noções de anatomia, geometria e perspectiva, relacionando esses conhecimentos com a filosofia clássica e as ciências naturais. O domínio de tais conteúdos era extremamente importante para uma expressão artística que tinha o ideal de harmonia estética ligado de forma estreita às relações matemáticas (OSINSKI, 2001, p. 27-28).

Isso remete à educação de maneira integral e humanista, próximo do campo social e da realidade do indivíduo. Associando a arte, o conhecimento científico e a reflexão de suas práticas.

Com isso, trago as relações possíveis que as artes manuais podem agregar para a educação enquanto atividade prática, social, cultural e interpessoal, “como a educação tem por fim aperfeiçoar o homem todo, o melhor meio de o conseguir é a formar ao mesmo tempo a sua vontade, a sua inteligência e a sua sensibilidade” (PENNA, 1934, p. 12).

Em decorrência de estudos de Oliveira (2019) sobre o desenvolvimento dos aspectos do trabalho e da educação nos séculos de XIX a XX, demonstra uma ligação acerca da industrialização e as nuances da educação moderna no Brasil, vinculada aos conhecimentos intelectuais e manuais necessários para a diversidade das demandas do período. Com isso Oliveira ressalta os momentos relevantes do marco da educação no período da industrialização,

Expressa de várias maneiras entre os finais do século XIX e o início do século XX em praticamente todo o mundo ocidental, a relação entre educação escolar e trabalho pressupunha a mobilização dos sentidos para o desenvolvimento de sensibilidades apropriadas para um “novo mundo” que pretendia estimular a ação, o desenvolvimento da vontade e a capacidade de iniciativa como signos modernizadores da escola primária. Entre os dispositivos curriculares que procuravam fomentar aquele ethos estavam os trabalhos manuais, ora presente como disciplina nos currículos escolares, ora como um tipo de atividade que perpassava diferentes disciplinas (OLIVEIRA, 2019, p. 388).

No período da industrialização se priorizava mais pelas visões de uma educação focalizada ao processo intelectual, sem tantas preocupações com a sensibilidade e o trabalho dos corpos. A burguesia associava os trabalhos manuais a pré-condições escravistas, “de fato, as elites brasileiras até o século XIX viam o trabalho, em geral, e o trabalho manual, em particular, como expressão de uma condição subalterna” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2019, p. 389). Assim, devido a constantes denúncia dos males que as instituições públicas estavam acarretando na ausência de cuidado no desenvolvimento da educação integral, na década de 1880, foi possível ver o movimento de inserção, não de maneira tranquila, para a implantação de recursos como a ginástica e jogos no processo de educação, “no período já circulavam no país obras de autores tais como Rousseau, Pestalozzi, Fröbel e Spencer, pensadores para os quais o trabalho corporal era uma condição básica no que se poderia chamar de educação integral” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2019, 389).

A partir desse aparato da renovação de uma educação moderna, promovendo outros saberes além dos advindos apenas intelectuais, as instituições de ensino foram aos poucos fazendo mudanças para acompanhar outros países que tinham estudos e promoção de educação diferenciadas das quais o Brasil ainda não estava inserido, resultado de “fatores tais como o fim do regime escravocrata e o desenvolvimento do trabalho livre, a maciça chegada de imigrantes, as retóricas em torno da república com o consequente apelo ao direito à educação” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2019, p. 389).

Com isso, o currículo passou a ter outros mecanismos para formação ativa dos sujeitos, “passam a considerar atividades relacionadas à educação física, à educação artística, aos trabalhos manuais, às Lições de Coisas, enfim, a um amplo leque de formas de educação do corpo, para além das tradicionais disciplinas nele presentes” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2019, p. 389-390) Isso remetia uma vasta exploração das faculdades

desenvolvidas no decorrer da formação ativa e integral dos indivíduos, além de fomentar uma complexidade de aprendizagens referentes aos propósitos vinculados à vida.

Penna (1934), autor que trata acerca dos ‘trabalhos manuais⁶’, traz uma reflexão acerca da disciplina dos ‘Trabalhos Manuais na Escola’, nos processos educativos no período histórico da Escola Nova no Brasil, mas que hoje ainda permanece com grande relevância para algumas vertentes pedagógicas como Montessoriana, Waldorf e abordagem de Reggio Emília⁷, já que influencia na perspectiva das ações lógicas, criativas e perceptivas dos sujeitos.

Ademais, o autor propõe que essas habilidades sejam a ponta da linha para desenvolver outras disciplinas que compõe o currículo das crianças, fazendo essas interligarem os conhecimentos e aprimorar suas ações enquanto indivíduos ativos na sociedade (PENNA, 1934).

De acordo com o autor, os mecanismos devem ser realizados de maneira consciente e cuidadosamente, para que assim possa trazer um ensino e uma aprendizagem de maneira suficiente e enriquecedora. Com isso, Penna mostra que o conteúdo,

Organizados cuidadosamente e obedecendo às dificuldades crescentes do ensino, estas lições, constituídas por um entrelaçamento sutil do ensino manual com o intelectual, visam, como já ficou dito, o desenvolvimento paralelo e integral de todas as faculdades infantis, por meio de ações conscientes dos sentidos, porque somente por meio dessas, que têm origem nas células motoras do cérebro, é que há enriquecimento de imaginação, elaboração do pensamento, desenvolvimento da vontade, etc. (PENNA, 1934, p. 26).

A promoção da relação do material com o abstrato é importante para a consolidação dos conhecimentos, baseados em princípios de Piaget (1986), em que promove os recursos para assimilações e acomodações das experiências, para que assim, haja um equilíbrio na elaboração dos saberes, mesmo sabendo que esse processo é

⁶ Considero a melhor expressão artes manuais, pois nela está incumbido muito mais que meras técnicas e sim expressões e sentimentos reais dos indivíduos.

⁷ Essa abordagem surgiu no pós-guerra na Europa, no país da Itália, na cidade de Reggio Emilia. O idealizador da proposta foi o pedagogo Loris Magaluzzi, em que se baseia na pedagogia da escuta, em que a criança é vista como a protagonista do seu próprio processo de conhecimento. A escola é disposta de maneira horizontalizada, estimulando a participação constante dos pais e da comunidade e dar evidência a abrangência de ateliês que permitem um contato diversificado com as diversas formas de artes, longe do ensino convencional.

contínuo e instável: “As mãos das crianças, durante o período escolar, não devem ficar inativas, mas sempre produzindo e fornecendo novos materiais ao cérebro” (PENNA, 1934, p. 27).

Outrossim, segundo Sennett (2019, p. 288) “O ofício de construir coisas materiais permite perceber melhor as técnicas de experiências que podem influenciar nosso trato com os outros. Tanto as dificuldades quanto às possibilidades de fazer bem as coisas se aplicam à gestão das relações humanas.” Desse modo, essa abertura de realizar, criar, imaginar e efetuar faz com que desenvolva não só noções intelectuais, mas sim significativas para contemplar as relações humanas nos seus contextos, produzindo dessa forma conhecimentos diversos.

Portanto, a relação das artes manuais com a pedagogia mostra uma relação contínua do fazer ativamente, envolvendo uma educação intuitiva, mão na massa que possa desenvolver um olhar mais crítico e perceptível das ações de cada indivíduo sobre os seus movimentos e o do seu próximo. Em decorrência disso, iremos falar no próximo tópico um pouco mais a fundo, especificamente das artes manuais na Pedagogia Waldorf.

2.3 As artes manuais na Pedagogia Waldorf

“Trazemos em nós o valor das nossas mãos e isso nos faz crer que temos em nós a capacidade de criar e modificar.”
 (ORTEGA, 2017, p. 44)

O presente tópico pretende tratar sobre as principais contribuições que as artes manuais podem trazer perante os princípios da Pedagogia Waldorf. O objetivo é investigar os aspectos ligados às artes manuais juntamente com a educação proposta por Rudolf Steiner, fundador desta pedagogia. Os autores que embasaram: Ortega (2017); Pedrosa (2018); Lanz (1998); Freitag (2022); Saloio (2021); Oliveira (2012).

As artes manuais presentes nos estudos de Rudolf Steiner, filósofo austríaco fundador da Pedagogia Waldorf, fazem parte de um contexto no qual o autor propõe uma nova abordagem vinculada ao processo de um currículo baseado na formação humana

integral. Esse enfoque proposto pelo autor, mostra a relevância de um currículo que englobe aspectos cognitivos, quanto aspectos manuais, como a disciplina curricular da Pedagogia Waldorf relacionada as artes manuais, que prioriza a exploração do estético, da imaginação, da formação enquanto ser aprendente e vivente da natureza, além de vincular ao estudo dos processos pelos quais os materiais naturais se transformam em decorrência da mudança de suas funções. Assim, Lanz (1998) retrata que,

O homem nasce imperfeito e precisa de um aprendizado de longos anos, em convívio com outros homens, para aprender tudo o que é necessário para sobreviver. E se levarmos em conta a parte anímica e espiritual de seu ser, aquela que transcende a luta pela sobrevivência física, ele nunca deixa de aprender, de crescer, de aperfeiçoar-se (LANZ, 1998, p. 40).

De acordo com Lanz (1998), a aprendizagem faz parte de construções ao longo do tempo, desenvolvendo as diversas faculdades que compõem os seres humanos. Os estudos de Steiner, baseiam-se na “antroposofia”, pelo qual utiliza como representação dos seres humanos uma tríade que envolve o pensar, sentir e agir. Cada qual com suas implicações e funções decisivas para o desenvolvimento de um ser heurístico.

Além disso, traz a perspectiva da Pedagogia Waldorf, fundada em 1919, por Steiner na Alemanha pós-guerra, no início do século XX, visando um trabalho mais sensível e comprehensivo com as crianças, filhos(as) dos funcionários de uma fábrica, pensado em uma educação mais humana e integral dos indivíduos. Dessa maneira, foi fundada uma pedagogia que olhasse para os aspectos intelectuais, emocionais e espirituais das crianças, a fim de promover uma educação mais emancipatória e consolidada perante os contextos.

Dessa maneira, segundo Saloio (2021) “Na Pedagogia Waldorf, as aulas de trabalhos manuais vão além de trabalhos bem-feitos. O aluno é motivado a desenvolver seus sentidos de forma que lhe seja possível perceber o mundo material e o mundo manifesto, tateando a vida de várias formas” (2021, p.2). A educação aqui proposta não representa apenas um mecanismo difundido como os primeiros artesãos, mas como um sentido de expressão das particularidades do ser e das várias formas de entender e mover as suas ações no mundo.

Segundo Oliveira (2012), os modos de olharmos, escutarmos e agirmos de maneiras sensitivas são aspectos vinculados à educação, promovendo o despertar da memória, da relação com os âmbitos da sociedade e da construção formativa dos indivíduos através da contribuição de suas narrativas e perspectivas presentes em tempos e espaços, portanto

Olhar, tocar, ouvir, provar e cheirar, tarefas que fazem parte da vida humana permitem as primeiras manifestações da vontade e do desejo de conhecer o mundo. Compreendemos o conhecimento pelos sentidos ou o conhecimento sensível como aquele fundado na experiência, na experimentação do mundo (OLIVEIRA, 2012, p. 33).

Assim como os demais conhecimentos promovidos na escolarização, encontramos nesse sentido não apenas uma visão simplória, mas sim complexa e constituinte de cada ser que experimenta e faz sua história, “a mão não somente abre passagens, mas dá forma e movimento às palavras, materializa a história” (OLIVEIRA, 2012, p. 159). A partir disso, Ortega (2017), também é conveniente a essa afirmação, “para além das características físicas das mãos humanas, podemos dizer que elas, de certa forma, expressam a personalidade de seus donos” (p. 21).

Com isso, percebe-se que a influência das linhas, das costuras, dos teares e do crocheter são aspectos singulares e plurais que promovem uma motivação e interesse em aprender e aperfeiçoar suas habilidades cognitivas assim como a amplificação das experiências. Além disso, as articulações feitas com as mãos, por meio das artes manuais, estimulam concepções abstratas e sensíveis, buscando um pensamento crítico perante as alternâncias dos materiais, suas funcionalidades, significados e valores⁸ empregados, como também proveniente da ação pedagógica e da prática educativa (PEDROSA, 2018).

As artes manuais têm como norte a criação, o olhar atento, as formas de abordar as diferentes temáticas sociais e também promover reflexões acerca das alternativas que contribui diante os materiais dispostos como retalhos, linhas, bordado, crochê, etc. Oportunizando para o aperfeiçoamento de um olhar estético, imagético e criativo, considerando artefatos do cotidiano e/ou até mesmo os mais sofisticados. De acordo com Freitag (2022):

⁸ No sentido de identificações, carregado de interesses e tradições.

Talvez o processo de olhar para esse material e ver potencialidades de trabalho em arte seja um gesto pouco frequente de se fazer. Talvez sejam necessários um trabalho de mediação e um olhar interessado que proporcionam novas visões aos docentes na sala de aula (p. 21).

Essa visão mais atenta e interessada é o que dá forças para compreender e possibilitar espaços e momentos cada vez mais pensados no que é importante para a formação do ser aprendente, articulando com os aspectos educacionais. “Em si, não são as coisas que nos motivam, mas o nosso olhar sobre elas e esse contínuo processo de se deixar encantar por aquilo que redescobrimos quando esses encontros acontecem no processo criador” (FREITAG, 2022, p. 22).

Dessa maneira, as artes manuais no currículo Waldorf, partem da premissa, assim como as demais disciplinas, promovendo um contato real e importante no processo de desenvolvimento do indivíduo. Segundo Lanz (1998), as crianças precisam utilizar os materiais artísticos não apenas como meramente utilitários, mas que envolva também o sentimento e a ação do indivíduo no aspecto relacional, “[...] ele tem de criar algo que seja resultado de sua fantasia, usando a vontade, a perseverança, a coordenação psicomotora, o senso estético. Por isso essas matérias têm alto valor pedagógico e terapêutico, quando exercidas com regularidade” (LANZ, 1998, p. 135).

Além disso, as crianças estão imersas nesse ambiente desde o jardim de infância até o último ano escolar, desenvolvendo aprendizagens que favoreçam a autonomia, o senso estético e as apropriações sobre críticas construtivas no percurso de suas criações (LANZ, 1998). Aspectos estes importantes para o crescimento satisfatório e transformador no processo da educação.

Com isso, no próximo capítulo, pretendo trazer aspectos importantes das artes manuais que promoveram esse espaço educativo para além da minha vida pessoal, influenciando na trajetória da minha formação acadêmica universitária.

3 A IMPORTÂNCIA DAS ARTES MANUAIS NA MINHA FORMAÇÃO COMO PEDAGOGA.

“As vivências constituem o tecido do nosso quotidiano.” (JOSO, 2009, p. 136)

Neste capítulo serão abordados os aspectos ligados à importância das artes manuais na minha formação como pedagoga, estabelecendo compreensões sobre os fios iniciais, contínuos e finais de si no decorrer da história de vida. Além de trazer as linhas que ligam a vida pessoal com os processos formativos, o tecer do material e de si e as mãos que ensinam e dão formas, relaciona esses aspectos com os seguintes autores: Borre (2020); Josso (2007); Freitag (2022); Freire, (2018); Souza, (2022); Sennett (2019); Veiga (2021).

3.1 As linhas que ligam a vida pessoal com os processos formativos

Quais são as linhas que formam? A formação acontece de forma contínua ou com alternâncias? Qual a importância dos pontos das artes manuais para a formação do indivíduo? Os questionamentos são muitos e a relevância também. Por vezes, não é tão fácil por palavras descrever a esses resquícios do desenvolvimento, pois o mecanismo de crescimento interior e exterior são ações singulares como também exuberantes para as sensações de cada sujeito.

A formação enquanto perspectiva da inclusão das artes manuais na trajetória de vida é fruto de uma educação anteriormente e ainda envolvente atualmente, dos cotidianos domésticos. É uma educação que está atrelada aos mecanismos costumeiros das gerações em perpassam suas aprendizagens, dos mais velhos para os mais novos:

Muitas roupas, brinquedos, adereços e acessórios para casa eram feitos manualmente. As crianças, então, tinham a benção de viver com um olhar que podia admirar esses fazeres. Mas, com o crescimento da industrialização e do comércio ampliando-se no mundo contemporâneo, muitas transformações foram acontecendo na relação com o trabalho, assim como com o próprio tempo e os valores na dinâmica familiar (VEIGA, 2021, p. 43-44).

Na minha trajetória, foi nessa lógica de aquisição de conhecimento, acrescida também da educação tecnológica, que busquei, por meio das artes da internet, suprir possíveis dúvidas ou o aprimoramento do conhecimento. Hoje não se resume apenas aos saberes de artes manuais feitos apenas por mulheres, mas como também à inserção dos homens no processo de aprendizagem do conhecimento das habilidades manuais, quebrando um pouco dos parâmetros das questões de gênero e até mesmo as ligações machistas, que muito se utilizava para justificar tal impedimento para o fazer manual. Um desses exemplos é o Tom Daley, medalhista de ouro no salto sincronizado nas Olimpíadas de Tóquio 2020 (Figura 9).

Figura 9 - Tom Daley fazendo crochê.



Fonte: <https://tribunadejundiai.com.br/mais/esportes/campeao-olimpico-aproveita-intervalo-dos-jogos-para-fazer-croche/>

Desse modo, “(...) narrar não significa apenas descrever e acumular vivências, mas, também incorporar ao texto aspectos crítico-reflexivos, além de aprofundar o contexto histórico e cultural de cada situação” (BORRE, 2020, p. 194-195). Diante disso, não é apenas um construir de lembranças, mas como um construtor de vontades, sonhos, desejos, afloramentos e desafios. Os fios das artes manuais nos levam a uma imersão em cada ponto das memórias, das vivências, dos significados e das relações que são

entrelaçadas no decorrer da vida. Não crescemos socialmente como pessoas solitárias, mas sim na comunhão e partilha com os demais.

Quando os fios são posicionados na agulha, muitas vezes não agem da maneira que queremos, devido a inúmeros fatores, até mesmo as pressões do momento, as espessuras das linhas, a experimentação dos movimentos, as idas e vindas que são desenvolvidas no trabalho realizado. Isso remete muito aos vínculos ligados à vida, nem todas as vezes entendemos os processos ou até mesmo negligenciamos o que estamos passando. Essas alternâncias nos fazem seres em constante aprendizado, no viver aprendendo, munido de mudanças e crescimentos e/ou retrocessos.

A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação. (JOSO, 2007, p. 419)

As artes manuais nos ensinam a recuperar, a arriscar, a enfrentar, a posicionar e a recuar pois nos auxiliam no processo de dosar as armadilhas e as possíveis verdades concretas que temos de acordo com o envolvimento no contexto social e cultural pelos quais somos crescidos a todo instante. De acordo com Veiga (2021), os materiais e as percepções adquiridas no decorrer do manejo e estudo perante a materialidade nos mostra a particularidade de cada criação e sua forma pela qual será desenvolvida a técnica, pois

Em cada técnica adotada, existe um longo processo de percepção, revalorização, descoberta e superação. Desde olhar para o material que será utilizado e experimentar como a matéria pode ser transformada. Depois perceber como acontece a relação com esses objetos, com essa matéria (agulhas, tecidos, fios...). É um desafio inserir na matéria um gesto próprio e particular. Cada pessoa encontra sua maneira de manusear a agulha, de segurar o tecido, de fazer o movimento e assim, vencendo as dificuldades, fazer surgir algo nesse processo (VEIGA, 2021, p. 48).

Percebe-se um aglomerado de conhecimentos e de experimentações, atrelados à educação na formação integral, buscando relacionar os modos de querer, sentir e agir, no

que cerne os princípios das artes manuais no processo da educação Steriana⁹. Mesmo desconhecendo essa abordagem anteriormente, mas já havendo uma disposição de uma aproximação com a educação diferenciada, longe dos ensinamentos como ferramenta de reprodução social, tendo em vista, a reinvenção das práticas educativas e as aproximações com os matérias que são desenvolvidos a partir das singularidades e formas de expressões dos indivíduos.

3.2 O tecer do material e de si

“O fio é um caminho que nos une às nossas próprias emoções. A arte-manual é arte não somente do fazer, mas a arte de nos fazermos.” (VEIGA, 2021, p. 50)

O tecer é uma palavra que corresponde a um verbo, sendo uma ação que move não só as mãos, mas todo o corpo, além de agregar os estímulos cognitivos com relação ao modo pelo qual irá utilizar as ferramentas adequadas como também os movimentos certos para poder chegar a um determinado fim.

Dessa forma, podemos designar o que corresponde aos caminhos que as aprendizagens são desenvolvidas, juntamente com os ensinamentos que a vida proporciona com os colegas, familiares e educadores. No decorrer da minha trajetória enquanto pedagoga em formação, dentro do campo universitário, pude experimentar as diversidades dos sentidos, experimentações e vivências perante as artes, não somente manual, mas também corporal.

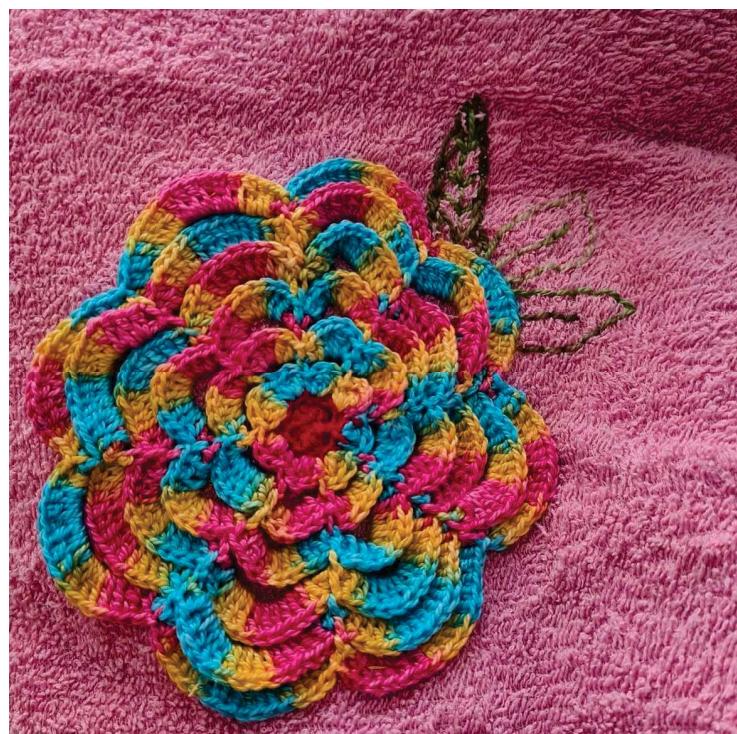
Participar de disciplinas como Educação Estética (48h), Arte e Educação (64) e Ludopedagogia (64h) no curso de Pedagogia da UFC trouxe uma perspectiva mais consciente do papel da educação assim como da arte para o meu desenvolvimento, assim como para o das crianças no processo de conhecimento. Segundo Josso,

⁹ É uma educação que está vinculada aos cernes da Antroposofia, desenvolvida por Rudolf Steiner, fundador da Pedagogia Waldorf. Nesta abordagem de educação dar ênfase no ser humano completo, desenvolvendo os aspectos intelectuais, anímicos, afetivos e sociais. Além de trabalhar com situações de acordo com os interesses e participações ativas dos educandos, para que assim o educador possa organizar suas atividades de acordo com as necessidades e propósitos de aprendizagem dos estudantes, visando uma educação que possa potencializar o protagonismo das crianças. (LERIA, 2023)

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera formadoras e muitas vezes fundadoras, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes. De um lado, como uma trajetória que é feita da colocação em tensão entre heranças sucessivas e novas construções e, de outro lado, feita igualmente do posicionamento em relação dialética da aquisição de conhecimentos, de saber-fazer, de saber-pensar, de saber-ser em relação com o outro, de estratégias, de valores e de comportamentos, com os novos conhecimentos, novas competências, novo saber-fazer, novos comportamentos, novos valores que são visados através do percurso educativo escolhido (2007, p. 420).

A expressividade e a construção de narrativas quanto às poesias fizeram brotar um espaço até antes não encontrado de maneira tão significativa e esplêndida (Figura 10). “O ofício de construir coisas materiais permite perceber melhor as técnicas de experiências que podem influenciar nosso trato com os outros. Tanto as dificuldades quanto às possibilidades de fazer bem as coisas se aplicam à gestão das relações humanas” (SENNETT, 2019, p. 288).

Figura 10 – Flor que anima e traz alegria na vida.



Fonte:

<https://www.instagram.com/p/CNTCH1hFsEs/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

'Todo dia é um recomeço.
 Seja para amar
 Seja para clamar.
 Tudo é feito de construções
 Assim como as emoções.
 Nada é do acaso
 O que foi, o que é e o que vai vim
 São reflexos.'

Os momentos pelos quais passei na graduação fizeram com que desse vivacidade para um eu diferente, disposto a quebrar barreiras, com propósitos de enfrentar e promover uma educação modificada por um novo olhar. Indo além daquela mera aparência proposta por muitas escolas e espaços educacionais. Por que às vezes, questionava, será que estou no caminho certo? posso buscar uma educação diferente, com uma abordagem que dê luz e não escuridão para as crianças? Como poderia fazer isso? Essas e outras indagações foram se fazendo presentes.

Diante das leituras de Freire, Montessori, Waldorf analisei que a pluralidade da educação é imensa, sem restrições apenas ao âmbito escolar. Que o ensinar e o aprender não precisam ser algo entediante, pesado, exaustivo, mas que pode ser realizado de maneira delicada, empolgante e cheio de vontade. Porém, o modo pelo qual vai ser feito é que se torna a mágica de todo o ensinar e aprender.

3.3 As mãos que ensinam e dão formas.

"A mão não somente abre passagens, mas dá forma e movimento às palavras, materializa a história." (OLIVEIRA, 2012, p. 159)

O ensinar e aprender são ações extraordinárias para o processo de aprendizagem dos indivíduos. Essas que por meio das mãos e dos exemplos são fundadoras para a autonomia e crescimento de uma educação mais concreta e consciente.

No mundo da história, da cultura, da política, *constato* não apenas para me *adaptar*, mas para mudar. (...) Constatando, nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. (FREIRE, 2018, p. 75)

Por meio das possibilidades de mudança e agir de maneira mais complexa diante da completude que é a realidade, podemos expandir as habilidades e alternativas para uma educação que nos ensine e nos proporcione formas mais abrangentes para tentar solucionar as possíveis adversidades que são comumentes dispostas no ambiente social, escolar e educacional de maneira geral.

As formas que constituem os seres podem ser por movimentos diversos, até mesmo no momento que propõem um aglomerado de linhas, essas que dentro de um recipiente ganham alternâncias diferentes. As cores (Figura 11) promovem uma ligação ou sobreposição de acordo com as necessidades que o ambiente e o contexto nos fazem mudar. Mudança que, por vezes, se torna importante para o crescimento integral e um aprimoramento de novos conhecimentos acerca das vivências e das experiências dos sujeitos.

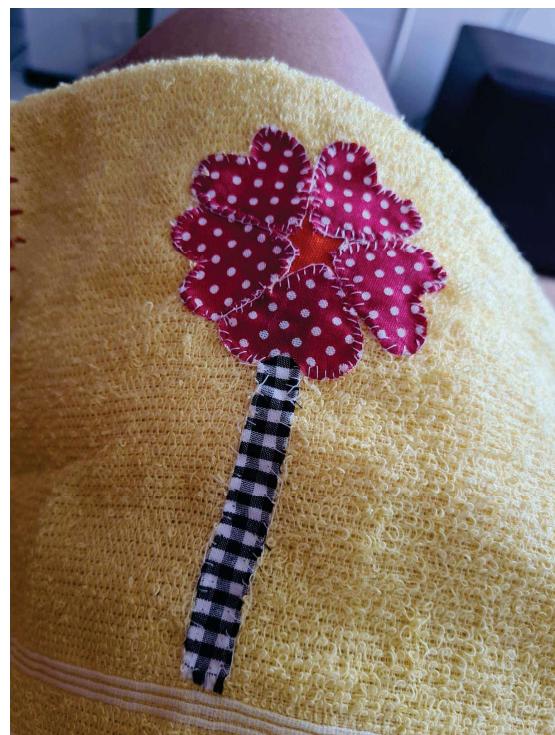
Figura 11 - Mudanças interior e exterior.



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

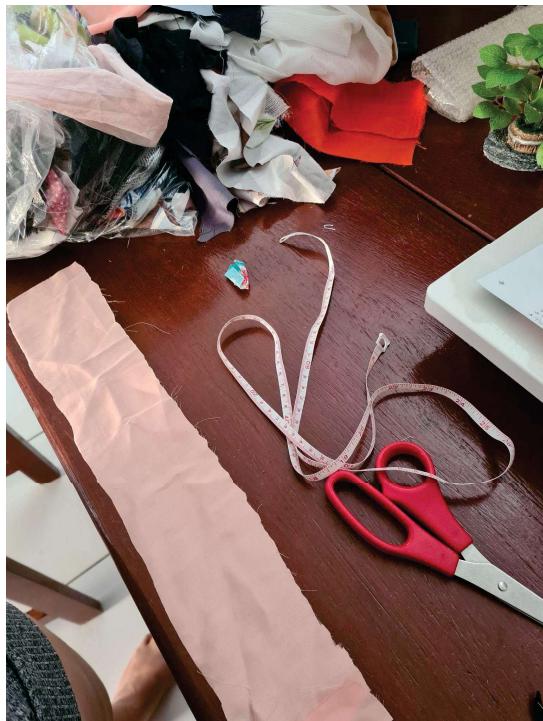
A maneira pela qual cada indivíduo está disposto a manusear ou até mesmo encontrar maneiras de construir seu conhecimento é o que nos torna seres singulares. (Figuras 12 e 13), pois “o sujeito definido em ação como experiência é convidado a experimentar sem estabelecer certo ou errado, ou seja, abrir os sentidos para além das possibilidades oferecidas pela materialidade proposta” (SOUZA, 2022, p. 33).

Figura 12 - Construindo singularidades: uso da montagem e forma.



Fonte: arquivo pessoal, 2021.

Figura 13 - O processo da criação.



Fonte: arquivo pessoal, 2021.

Assim como esses processos construtivos, a educação passa por todos eles, primeiro nos aspectos ligados à vontade, ao querer aprender, à curiosidade e à forma como cada um vê ao seu modo o material e a sua sensação. Diante disso, em segundo, vem a perspicácia de entender como acontece na prática, buscando por meio do tato (re)descobrir as alternativas que podem ser experimentadas.

E por fim, mover juntamente com as partes dos ensinamentos vinculados aos conhecimentos para poder auxiliar de maneira satisfatória. Esses processos vêm baseados nas metodologias ativas (MORAN, 2013), envolvendo a inserção dos sujeitos, por meio da autonomia e participação ativa durante todo o processo de aprendizagem.

Dessa maneira, as contribuições das artes manuais vinculadas ao ensinar e dar formas, são aspectos que constituem novos olhares e percepções fora da visão naturalizada e estagnadas que por vezes, acontecem no contexto educacional.

O processo criador nos move constantemente em busca de referenciais estéticos, imagéticos e temáticos para construir e dar forma a um projeto artístico. E esse contínuo movimentar-se contribui para desenvolver um olhar atento e com certo interesse pelas coisas que nos cercam, sejam elas banais ou, ao contrário, repletas de sentidos. Acrescentaria que não só imagens: também o contato matérico é sumamente importante no processo criador em arte ou para a vida mesma (FREITAG, 2022, p. 20).

Isso nos permite explorar novos caminhos vinculados aos princípios de uma educação heurística, ou seja, importante nos aspectos cognitivo, emocional, estético, imagético e repletos de sensações. Um sentir que faz sentido em cada ser na sua completude e na descoberta de novas impressões.

Desse modo, esse capítulo traz um panorama sobre as contribuições das artes manuais na minha formação, ligando os aspectos pessoais e sociais, como também o tecer dos materiais (as experimentações) e de si, além de estabelecer relação com as mãos que ensinam e dão formas vislumbrando um processo rico de autoconhecimento, assim como das esperanças de novas abordagens de ensinar e de aprender. Com isso, no próximo capítulo tratarei de relacionar as colaborações das artes manuais, diante das minhas experiências no campo acadêmico, para a pedagogia.

4 AS CONTRIBUIÇÕES DAS ARTES MANUAIS, A PARTIR DE MINHA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA, PARA A PEDAGOGIA.

“A maneira como nos sentimos diante de cada abordagem de trabalho pode nos conectar com ambientes e cenários internos, nos contando como nos sentimos em relação ao nosso trabalho e a nossa liberdade criativa.” (ORTEGA, 2017, p. 29)

Neste último capítulo, pretendo trazer as possíveis contribuições das artes manuais, em decorrência da minha experiência, para a pedagogia. As disciplinas de Arte e Educação (64h), Ludopedagogia (64h), Educação Estética (48h), Educação Infantil (64h) e experiências em projetos como bolsista, como o PET (Projeto Teatro-Emoção e Criarte), Programa de Iniciação à Docência (PID)¹⁰ e o Programa de Iniciação Científica (PIBIC)¹¹, contribuíram de maneira sensível para a minha formação enquanto sujeito que aprende e modifica sua maneira de olhar. Irei partilhar algumas experiências das disciplinas Arte e Educação (64h), Educação Infantil (64h) e das demais bolsas PET, PID e PIBIC. A literatura que dará suporte para tal ponto: Borre, (2021); Ortega, (2017); Souza, (2022); Freitag, (2022); Saloio, (2021); Veiga, (2021).

4.1 Entender os processos expressivos

A arte em sua infinidade de circunstâncias nos proporciona um respirar mais puro, ao mesmo tempo inquietante, como também de múltiplas reflexões. O modo pelo qual estabelecemos o que seja arte ou algo parecido é o que nos torna seres competentes de ações reflexivas e construtivas diante do contexto sócio-cultural.

¹⁰ Bolsista voluntária na Disciplina de Arte e Educação (64h), ministrada pela Professora Luciane Goldberg.

¹¹ Bolsista no projeto de pesquisa Ateliê de pintura livre do Iprede: Arno Stern e a educação criadora na infância, coordenado pela Professora Luciane Goldberg.

Segundo Borre (2021), duas de suas alunas questionam tal quesito sobre as artes, relacionando as belas artes consideradas um símbolo a ser seguido e deixado os menores como algo pobre de significado:

Priscila e Clarissa questionaram a concepção do ensino de artes que ainda considera os afazeres do cotidiano como uma estética pobre, não criativa e não imaginativa. Nossas produções artísticas ficam guardadas porque são intimidadas pela obsessão das técnicas e destrezas das belas artes (BORRE, 2021, p. 147).

Esse questionamento revela o quanto os critérios estabelecidos pela grande massa e consagrado por alguns autores como sendo arte padrão são negacionistas das outras formas de artes. Mas e as artes que não são reveladas ao mundo? As que ficam confinadas dentro de armários, guarda-roupas e gavetas? Devemos desconsiderá-las? Nessa perspectiva, entra todo um aglomerado de ideias e concepções do que seja essa arte e suas maneiras de expressar.

Com isso, percebemos a arte como um processo em que

O estudo de arte e suas práticas constitui esse lugar questionador, realocador de olhares e intensificador de memórias e vivências. Nesse momento comecei a perceber que a construção do conhecimento está relacionada às nossas histórias de vida e experiências no mundo e que essas são formadoras das identidades e trazem aquilo que nos é mais significativo (BORRE, 2021, p. 143).

Então, a maneira pela qual podemos nos expressar está intimamente ligada às nossas vivências e memórias construídas ao longo da história de vida. Sabendo que cada qual tem seu modo de agir, podemos entender assim também que o ser é único em suas diversas articulações enquanto ser que cresce, muda e contribui para a sociedade de forma singular e plural.

No quesito das artes manuais, é possível encontrar essa completude de saberes e expressões, tendo em vista a diversificação de maneiras que podem ser trabalhadas. Não apenas como uma mera atividade manual, mas como uma construtora de conhecimento, vinculado aos aspectos históricos, sociais, geográficos, matemáticos, estéticos, como também imagéticos. Assim o uso da materialidade e suas referências é um estímulo essencial para o desenvolvimento do indivíduo, além disso “é fundamental que o material

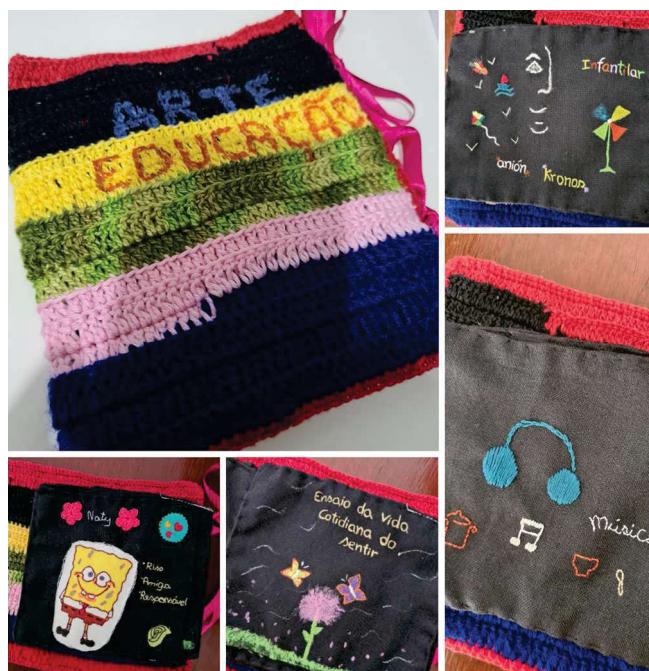
a ser trabalhado esteja relacionado com a vida e que a criança possa ter acesso às forças que o constituem, dessa forma o aluno pode viver o que lhe pertence, consegue enraizar-se e religar-se com a vida que o circunda” (SALOIO, 2021, p.6).

Nesse sentido, encontrei na pedagogia essa forma de expressar, vinculada à disciplina de Arte e Educação, como outras que mostram a percepção de vivacidade, de poder explorar outros meios sem ser apenas um campo meramente das letras no papel.

Este olhar atento, buscando um sentido profundo no seu fazer, executando com as próprias mãos, para si e para os outros, objetos funcionais e artísticos, promove na criança um senso crítico e prático que a fará enfrentar as situações da vida adulta de maneira positiva e confiante (ORTEGA, 2017, p. 58).

O sentir, o pensar e a vontade de procurar outros meios para demonstrar o quanto estava sendo significativo tal aprendizado, até porque não é somente um simples fazer, mas uma criação que traz aspectos intrínsecos e promovedores de reflexão acerca do que conhecemos e o que podemos conhecer. Dessa maneira, durante o curso da disciplina de Arte e Educação, ministrada pelo Professor Alexandre Santiago, explorei a alternativa de um livro tátil (Figuras 14 e 15), ressaltando alguns aspectos que foram importantes em cada aula, de maneira que as imagens falam mais que muitas palavras (Figura 16).

Figura 14 - Livro tátil parte I.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Figura 15 - Livro tátil parte II.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Figura 16 - Lupa da cultura.



Fonte: arquivo pessoal, 2019.

Além disso, são momentos que remetem a um conjunto de sensações que realça toda a lógica do conhecimento com a prática.

Para a antroposofia, o ser humano pode usar uma ferramenta como forma de liberdade a fim de produzir algo, utilizando agulhas de tricô, crochê, costura e outras para expressar e despertar sua vontade, pois os trabalhos manuais são criações de sua vida interior e de suas mãos (SALOIO, 2021, p.2).

A partir dessas expectativas, o indivíduo acaba reconhecendo as possibilidades e os desafios perante suas atitudes, levando em consideração o uso dos recursos, das habilidades desenvolvidas, do que deseja instigar em si e para outro, como também o saber da consciência perante as situações que envolve a práxis desse trabalho educativo. Considerando os pontos de vista importantes para a formação de docentes atentos e reflexivos de suas práticas pedagógicas, como também de discentes mais questionadores e críticos de suas atividades dentro e fora do espaço educacional.

Continuando sobre a disciplina de Arte e Educação, além do livro tátil, também tivemos a experiência de uma exposição e participação de uma releitura de algumas obras de autores conhecidos internacionalmente e outros não muito (Figura 17).

Minha busca foi direcionada no que cerne as artes manuais, por fazer parte de uma identidade e representação do que seria um pouco de mim. Não uma senhora, mas uma mulher, que presenciou histórias e momentos diversos na formação de outras. Usa os fios para iniciar suas jornadas e finaliza com ele os arremates dos ciclos que são por vezes fechados. Usa sua performance para recriar novos cenários, mesmo estando com recursos limitados, já que este momento da foto retrata o período da Pandemia da Covid-19, o qual passamos por vários desafios e profundas tristezas.

Figura 17 - Releitura de uma autora desconhecida.

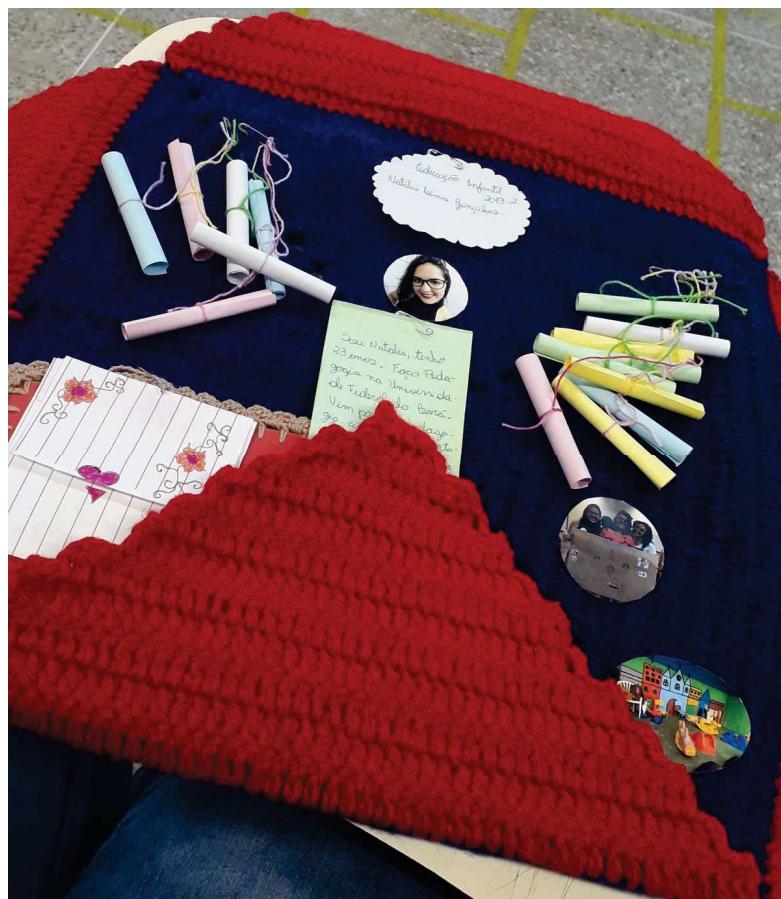


Fonte: arquivo pessoal.

Busca também ressaltar os aspectos construtivos das histórias, por meio desta colcha/tapete colorido construída por pedaços de pano que passaram por outros ambientes, trazendo em suas fibras suas singularidades e maleabilidade que somente quem experimenta sente o quanto cada um tem sua peculiaridade. Isso vislumbra no que somos também como pessoas, por isso minha escolha. “As artes-manais nas brincadeiras remetem à expressão mais pura do ser humano: amar. Por isso, é provável que fazer algo, confeccionar um objeto com amor, organize as emoções, os pensamentos e expanda a afetividade nas interações do ser vivente com outros seres” (VEIGA, 2021, p. 156).

Durante os primeiros semestres de Pedagogia, na disciplina de Educação Infantil, ministrada pela Professora Cristina Façanha, estive imersa a pensar sobre a infância e como deveríamos tratá-la. O trabalho final da disciplina seria a construção de um portfólio buscando integrar conteúdos assim como articulações estéticas e criativas para no final poder ser apresentado diante da turma (Figura 18).

Figura 18 - Uma carta da Educação Infantil.



Fonte: arquivo pessoal, 2018.

Nada mais conveniente do que eu optar por algo que estava bastante presente no meu universo: o crochê e a costura. A utilização do crochê, das linhas, das colagens com fotos e da confecção de uma carta com pontos, me fez observar todo o percurso pelo qual estive imersa e contemplada perante a ocasião. Para essa construção teve um olhar mais sensível e aguçado do que poderia se fazer presente, ou seja, foi algo pensado, planejado e produtivo.

Essa ‘Carta da Educação Infantil’, traz um conjunto de pequenas folhas enroladas por linhas que contam breves resumos sobre o que foi promovido em cada aula. Além da confecção de um crachá com meu nome, um breve resumo da autora, algumas fotos referentes às experiências na disciplina, como visita à creche e apresentação de como foi a minha infância e de duas colegas. Isso traz um ar de conhecimento compartilhado e também de uma relação contínua de aprendizagem. “Em si, não são as coisas que nos motivam, mas o nosso olhar sobre elas e esse contínuo processo de se deixar encantar por

aquilo que redescobrimos quando esses encontros acontecem no processo criador” (FREITAG, 2022, p. 22).

Além disso, retrato em algumas palavras sobre a experiência enquanto bolsista voluntária do PID, na disciplina de Arte e Educação (64h), com a Professora Luciane Goldberg. Pude experimentar, mesmo de forma virtual, a oficina de autorretrato que foi ministrada pela Professora, a partir da proposta do artista Vik Muniz, em que trabalha em seu documentário o ‘Lixo Extraordinário’, a forma de retratar o lixo de maneira alternativa, além de problematizar a vida das pessoas que fazem parte do contexto dos lixões e suas preocupações ambientais.

Assim, cada qual foi construindo seu autorretrato de maneira manual, ligando os pontos e explorando o que cada um tem de mais encantador perante sua personalidade e construção enquanto sujeito (Figura 19).

As escolhas dos materiais utilizados no autorretrato como as linhas e as agulhas retratam sobre as minhas manualidades. Já as tintas e os pincéis estão ligados ao meu processo de pintura em tecido que vinha desenvolvendo na época. As canetas de cacto e as figuras revelam a minha paixão por cactos e suculentas, por significar força e resistência. A coruja está vinculada à pedagogia, e por fim o pedaço de pano com um balão bordado remete a liberdade e capacidade de voar por horizontes desconhecidos. Cada elemento posto nesta imagem, vislumbra um pouco do que sou, tendo em vista, que a imensidão da minha vida é bem maior e complexa quanto ela.

Além disso, realizar esse trabalho foi uma enxurrada de pensamentos e relações que foram sendo construídas ao longo do processo, mesmo tendo em mente alguns materiais, mas de qualquer forma, resumir o que é mais importante para demonstrar em um pequeno autorretrato se torna minúsculo perante o universo que sou. Foi uma experiência interessante e relevante para parar e se perceber enquanto indivíduo (quem realmente eu sou e o que posso colocar para me identificar?).

Figura 19 - Autorretrato.

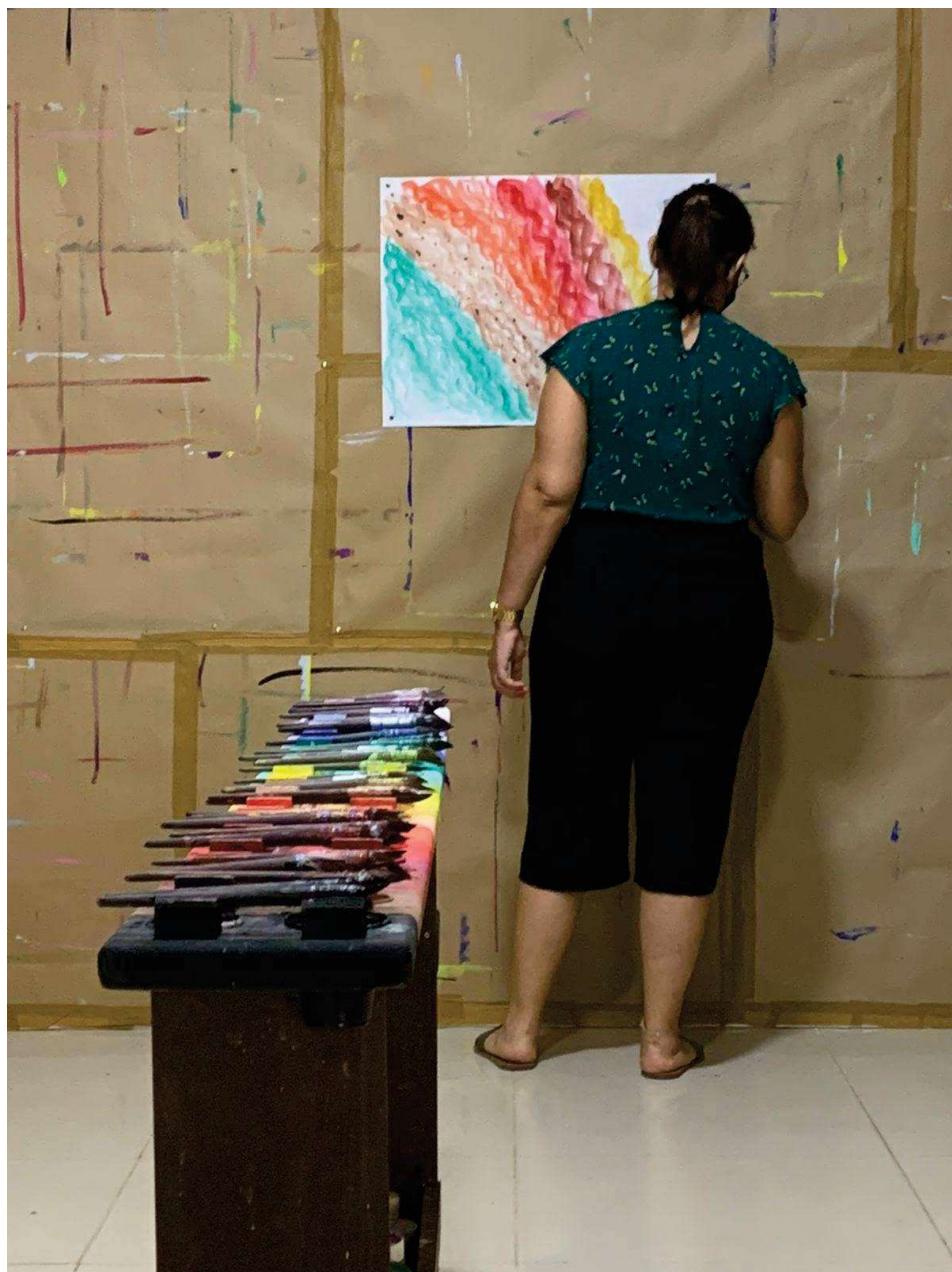


Fonte: arquivo pessoal.

Outro momento importante e marcante para minha formação, foi a participação e imersão no Ateliê Pintante, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no período 2021-2022, coordenado pela Professora Luciane Goldberg, localizado no Instituto de Primeira Infância (IPREDE). Este espaço, junto das crianças, é espetacular e ímpar para a formação de cada indivíduo que passa por aquele ambiente. Sabe aquela sensação de querer estar cada vez mais dentro daquele espaço, como se fosse um refúgio do mundo ao nosso redor? Pois bem, essa é a paz de espírito que sentimos enquanto estamos experienciando aquele lugar.

Por alguns momentos, pude ficar ligada comigo mesma, sobre os movimentos da mão interligados com o pulsar do coração. Uma tranquilidade, um passar do tempo que nem mesmo sentimos. Aquele momento de conforto e escuta para cada pensamento vinculado à forma como expressamos as linhas no papel (Figura 20).

Figura 20 - Ateliê Pintante.



Fonte: arquivo pessoal.

Portanto, a expressividade está além de meros materiais imponentes, pois quem dá a potência e a verdadeira força para eles são os sentidos e os significados pelos quais eles passam durante os processos criadores.

Dessa forma, no próximo tópico irei explorar acerca dos aspectos ligados às habilidades cognitivas, sociais e afetivas vinculadas às artes manuais relacionando com o desenvolvimento do indivíduo perante as artes manuais.

4.2 Exploração das habilidades cognitivas, sociais e afetivas vinculadas às artes manuais.

“Os trabalhos manuais podem desempenhar no desenvolvimento das crianças e jovens: *alinhavando* pensamentos, *tecendo* posturas, *criando* belezas e *bordando* a Vida, tanto no seu lado “direito” quanto, ou talvez principalmente, no seu avesso” (ORTEGA, 2017, p. 87).

Neste item trato do aspecto das habilidades cognitivas, sociais e afetivas diante as artes manuais para o desenvolvimento do indivíduo de maneira integral. A criança quando está no seu momento de envolvimento com os materiais e na exploração do ambiente acaba construindo saberes e perspectivas sobre regras, noções de espaço e de sensações em que o movimento de investigar e sentir propõe para sua experiência.

As nuances das artes manuais também desenvolvem nas crianças e jovens aspectos relevantes para o crescimento de uma vontade inexplicável de realizar e criar produtos: “os trabalhos manuais estimulam a criança a fazer algo em que ela possa estar envolvida e assim estimulam o querer, e não um fazer por apenas fazer” (SALOIO, 2021, p.2).

Além disso, buscando sempre colocar fantasia, sentidos e o querer fazer das crianças, deixando-as entusiasmadas, confiantes e motivadas para os desenvolvimentos

das práticas manuais, vinculando tais práticas com os conteúdos das matérias que fazem interdisciplinaridade com os demais conhecimentos das artes manuais, pois

As mãos desempenham também seu papel central no processo de aprendizagem das crianças, não apenas catalisando o aprendizado, mas tornando-o fundamental na sua percepção motora, cognitiva e criativa do mundo. É importante que nos anos iniciais da criança as mãos possam reconstruir o seu caminho evolutivo, auxiliando na elaboração de uma capacidade neural significativa por meio dos movimentos e de suas descobertas (ORTEGA, 2017, p. 35).

Com isso, as atribuições e contribuições que tais atos promovem são de uma experiência ímpar nas relações e elaborações produzidas por sujeitos que estão internamente e externamente ligados nos processos evolutivos das artes, principalmente nas artes manuais, visto que “o ser humano é inatamente um ser criativo e propositivo, e é contrário à sua natureza o ato de consumir passivamente as coisas, sejam elas objetos ou ideias.” (ORTEGA, 2017, p. 87)

A natureza da qual faço parte, busca sempre aperfeiçoamento, assim como interagir com o mundo. O indivíduo é um ser ativo que busca conhecer, tatear, sentir, experienciar, enxergar e escutar os movimentos que a vida promove em suas alternâncias. Com ênfase nisso, Souza (2022) traz uma perspectiva acerca de experimentações com crianças na Educação Infantil, envolvendo tecidos e linhas, em que, de acordo com Souza,

Nas múltiplas linguagens, as crianças utilizaram durante as propostas como suporte para pintura, desenho, recorte e colagem diferentes materialidades de tecidos e linhas, observando peso e textura de cada um. Dançamos com tecidos, utilizando-os como mais um elemento de suporte aliado ao corpo. E no faz de conta, criamos personagens, cenários e jogos teatrais em que o tecido e a linha fizeram parte da composição. As crianças criaram adereços, roupas, cabelos com longos tecidos, cabanas, capas de super-heróis, teias de aranha, entre outras ideias (2022, p. 31).

É o que podemos ver em uma das minhas criações do livro tátil já referenciado no item anterior. Esse movimento com os tecidos, as linhas e as agulhas trazem consigo um brincar e um agir diferente em cada proposta pensada e criada, pois cada arte realizada com os materiais e as mãos evidenciam um aglomerado de significados.

O livro Tátil remete uma dessas imaginações e apropriações que as artes manuais podem estabelecer. Com isso, na próxima ilustração, trago mais uma página desse livro (Figura 21) em que trata do meu ser, enquanto professora, dengosa, bagunçada, livre e atenciosa. Cada palavra reflete na pessoa que me tornei e nas ramificações que esta pequena planta pode levar de novas aprendizagens. Dessa maneira, “o sujeito definido em ação como experiência é convidado a experimentar sem estabelecer certo ou errado, ou seja, abrir os sentidos para além das possibilidades oferecidas pela materialidade proposta” (SOUZA, 2022, p. 33).

Figura 21 - Olhar profundo.



Fonte: arquivo pessoal, 2020.

Desse modo, é uma turbinada de possibilidades perante os materiais dispostos as crianças, jovens e adultos. A forma como será abordada e promovido o momento é o que fará diferença de acordo com a faixa etária.

A experiência que tive no Programa de Educação Tutorial (PET) (Figura 22), sob a coordenação da Professora Bernadete Porto, foi considerável durante minha graduação. Os dias eram proveitosos, complementares e importantes, principalmente para o convívio social. Estar no PET no segundo ano de graduação, foi uma chave de ouro que abriu inúmeras portas para minhas experiências como futura professora quanto para quem sou hoje.

Figura 22 - Interação e aprendizado no PET.



Fonte: arquivo pessoal, 2018.

Participar de projetos como Criarte e Teatro-Emoção foi uma das vertentes que me fizeram abrir para o mundo, além das contribuições dos colegas e das colegas que se fizeram de uma grandiosidade ímpar para promover um ambiente acolhedor, positivo e de muito crescimento. O que nos fortificava constantemente era o diálogo e a união que se faziam presentes. Acredito que um dos aspectos que admirava no grupo era a compreensão e a ajuda que tínhamos em relação uns aos outros.

Participação em comissões, reuniões interativas e extremamente dinâmicas, e também estar presente em eventos, foram significativas durante os dois anos que estive no programa. Além das confecções de materiais para alegrar e compor a sala e de instaurar relações afetivas e compreensões do que seria trabalhar em grupo. Enquanto as mãos trabalhavam, o pensar, o querer e o sentir estavam presentes, como também as conversas e trocas de experiências em diversos campos fora e dentro da universidade. Segundo Joso (2007)

As situações educativas são, desse ponto de vista, um lugar e um tempo em que o sentido das situações e acontecimentos pessoais, sociais e profissionais pode ser tratado em diferentes registros, a fim de facilitar uma visão de conjunto, de aumento da capacidade de intervenção pertinente na própria existência e de otimizar as transações entre os atores mobilizados pela situação do momento. (JOSSO, 2007, p. 416)

Ao promover espaços e experimentar alternativas durante a graduação quanto ao estudo de outras abordagens, levamos a entender os processos formativos e as oportunidades que as artes podem desenvolver nos educandos. Isso vai muito além de ser só um educador alternativo, mas um docente consciente de seus afazeres e de suas propostas.

Desse modo, é relevante o aprimoramento e as reflexões acerca das práticas e estudos dos educadores, pois são elas que farão com que a educação seja eficiente, de qualidade e libertadora. Com isso, tratarei no próximo tópico, sobre a perspectiva da educação mais humana, envolvendo o sentir, as experiências e as sensações.

4.3 Educação mais humana (o sentir, as experiências, as sensações)

“Ser um(a) professor(a) proposito(a) desafia sair do ‘mais do mesmo’, do engessamento, rompe barreiras, atravessa fronteiras” (SOUZA, 2022, p. 38).

A educação tem em seus cernes variadas vertentes que defendem diversos pontos de vista durante todo o processo histórico do contexto educacional. Porém, a escolha pela qual cada profissional irá seguir depende de seus princípios e concepções do que seja um ato educativo e qual será a finalidade desta educação (LIBÂNEO, 2001).

Diante desse cenário, é relevante evidenciar que a educação em que proponho entrar está atrelada ao modo pelo qual o sujeito tem o direito à autonomia, à escuta atenta e à relevância de uma educação desenvolvida de maneira completa. Desse modo, os educadores precisam estar atentos e abertos às maneiras de explorar outros campos. Com isso,

O(a) professor(a) precisa reconhecer que a multiplicidade de ações pedagógicas perpassa primeiramente por ele(a), para que depois reverbere com as crianças. Isso se faz presente em um(a) profissional curioso(a), dedicado(a), estudioso(a), pesquisador(a), que frequenta instituições culturais, experimenta materialidades, escuta e observa as crianças e seus desejos, tornando-as protagonistas em seu fazer (SOUZA, 2022, p. 37).

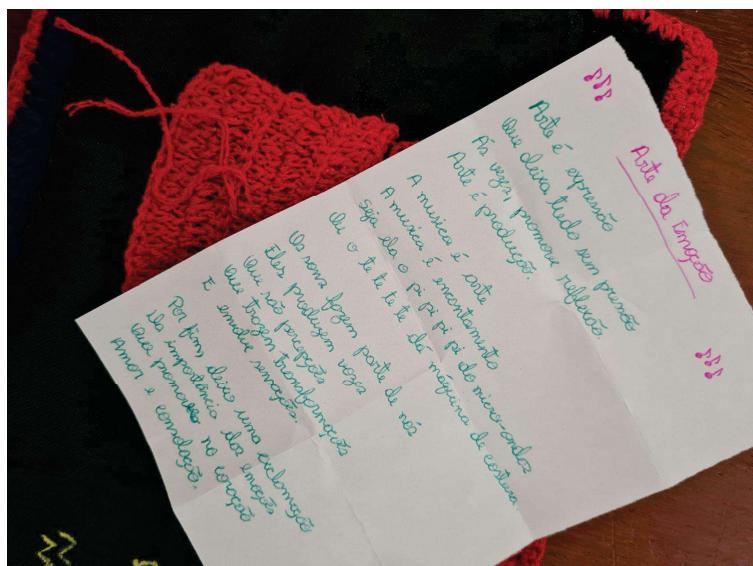
O papel do docente precisa estar direcionado nos conhecimentos e nas experiências pelas quais passou na sua trajetória, além de estar acessível a novas probabilidades que façam de sua prática e ação pedagógicas uma extraordinária educação diferenciada, mais humana, consciente, significativa e realista.

No meu processo referente à infância, percebo que enquanto ser que gostava de escutar e observar os afazeres das outras pessoas, desenvolvi no meu ego uma paixão por aprender o que me deixava fora da zona de conforto. Criatividade e curiosidade era o que me fazia crescer, buscando experimentar o que meus olhos não poderiam mais conter de

tanta magia. Ademais, com alguns momentos fora do mecanismo diário (escola, casa e ajudar minha mãe), era em outros lugares que me sentia livre e consumidora de novos olhares.

As pequenas palavras escritas neste pedaço de papel ficam guardadas dentro de um cartão feito de crochê. A forma como ela foi criada, diante o período da pandemia da Covid-19, mostra um pouco do afloramento das emoções assim como dos sons que faziam parte do cotidiano naquele momento (Figura 23). O uso dessa ferramenta foi uma das maneiras expressivas que foram utilizadas para apaziguar as angústias, a ansiedade e os medos que aquela época ocasionou.

Figura 23 - Arte da emoção.



Fonte: arquivo pessoal, 2020.

O ato educativo está perpassado dentro dessas palavras e dos seus sentidos que nela são expressos. A possibilidade de uma educação não precisa ser meramente transmissiva e padronizada para poder alcançar os saberes da vida.

Dessa forma, segundo Souza (2022), as criações e as brincadeiras das crianças assim como dos adultos não precisam ser mecanizadas, mas uma oportunidade de expressar suas emoções, sentimentos e sensações com as múltiplas linguagens, de maneira pela qual se identifica. Nisso ele ressalta,

(...) quando falamos de tecidos e linhas dentro da prática com as múltiplas linguagens que perpassam nas brincadeiras, na música, no teatro, na literatura, nas artes visuais e entre tantas outras possibilidades, acreditamos que um mesmo objeto ou uma mesma situação são diversas vezes compreendidos pelas crianças de maneiras totalmente diferentes; ela se torna na ação, na experimentação propositora de seu próprio percurso (SOUZA, 2022, p. 29).

Isso demonstra a completude dos aspectos imagéticos e estéticos que são decorrentes das múltiplas linguagens. É uma esperança que vai além dos espaços educacionais da Educação Infantil e que abrange também o Ensino Fundamental. O movimento do professor e as suas propostas devem estar de acordo com as suas vivências para que possa promover espaços e momentos diversificados para os estudantes. Sendo um docente pesquisador, curioso, estudosso e instigador de novas práticas para que possa abranger mais conhecimento e experiências para os educandos.

No próximo item trago algumas participações durante o Estágio em Educação Infantil (EI), vinculadas às artes manuais e suas peculiaridades diante as ações das crianças.

4.3.1 Práticas no Estágio de Educação Infantil

“O diálogo entre arte e criança está ligado ao fazer e ao experimentar a todo instante. É uma ação lúdica movida pela curiosidade dela.” (SOUZA, 2022, p. 35)

Neste subitem trato um pouco do meu processo no Estágio de Educação Infantil (160h) em uma Creche de Educação Infantil de Fortaleza (CEI) sob a supervisão da Professora Rosimeire Costa, de acordo com minhas vivências com as crianças e as regências realizadas durante o período da disciplina. Baseado em contribuições dos autores Ortega (2017), Souza (2022), Saloio (2021).

A Educação Infantil visa promover um olhar e uma prática relevante para o desenvolvimento do indivíduo na infância. É nesse momento em que as crianças

conseguem desenvolver seus aspectos psicomotores, conhecer o mundo ao seu redor, perceber as relações consigo e com os outros, assim como ter a possibilidade de desfrutar das ações cognitivas, sociais e emocionais de uma maneira lúdica e singular.

Segundo Ortega, baseado nas ideias de Wilson, percebe-se que quando alguém quer aprender a fazer ou criar algo, ela se envolve em uma carga emocional significativa, promovendo ao longo do tempo um suporte de pensamentos e sentidos que trazem uma mudança incrível. Assim, quando as crianças estão engajadas “no fazer com as mãos, integrada com o pensar e o sentir, proporciona à criança, e a qualquer ser humano experiências ricas de significados” (ORTEGA, 2017, p. 36). Pois é neste momento que elas estão entregues à sua concentração, atenção e entusiasmo para criar ou realizar algo perante a motivação que é despertada no seu interior.

Desse modo, nas regências feitas com as crianças, buscava sempre observar como elas estavam naquele dia, para compreender de que maneira poderia ser trabalhado da melhor forma os planos que construía. Percebo que a observação, como a escuta e organização do espaço é uma das maneiras importante de entender o que se passa com as crianças e o que elas necessitam.

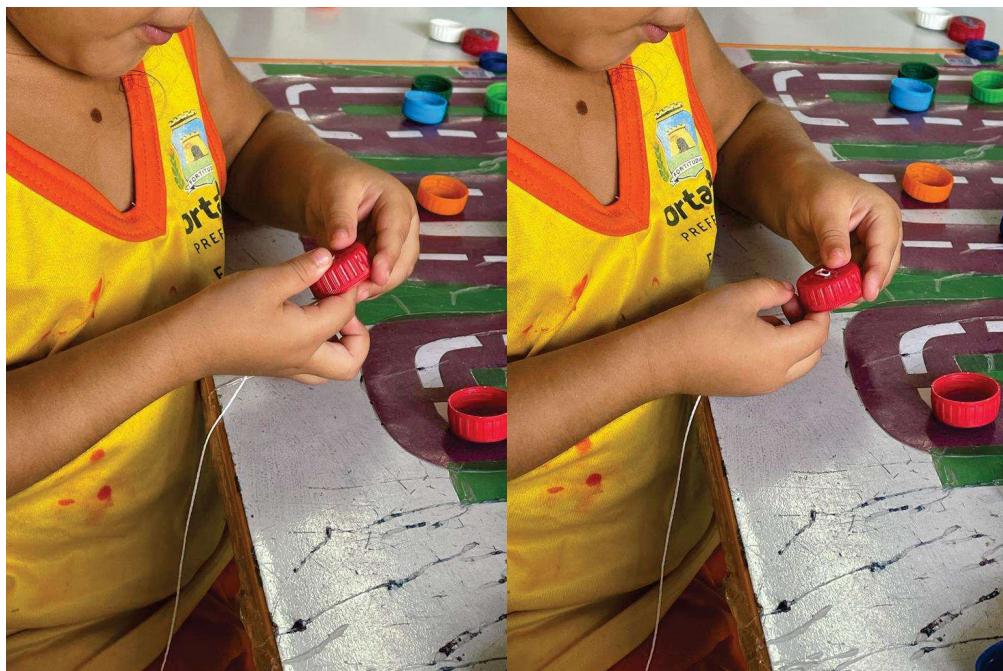
Assim, em uma das regências, percebi que poderíamos trabalhar juntamente com a professora regente da sala de referência com a questão motora das crianças, pois percebi que muitas ainda tinham uma certa dificuldade de manusear objetos que precisassem de uma coordenação fina.

Com isso, planejamos construir bonecos feitos de tampinhas de refrigerantes e barbantes. Primeiro explicamos a atividade e de como iria ser feita, depois disponibilizamos o material para que elas executassem. Durante esse processo, percebi o quanto algumas estavam empolgadas, já outras nem tanto. Quando iniciamos a atividade, devido ao envolvimento das que estavam motivadas, as outras começaram a se interessar. Entra aqui o contágio motivacional das outras crianças.

No decorrer fui percebendo o quanto a linha era algo maleável para elas (Figura 24 e 25). As crianças, a partir dos materiais, acabaram realizando outras atividades além do que tínhamos proposto e isso me deixou animada. Teve criança que fez do barbante uma cobra, outra fez prédio com as tampinhas e outras utilizaram as tampinhas como pratinhos de comida. Souza (2022), retrata isso quando diz, “a criança por si só traz

experiências latentes, são dispostas, curiosas, investigativas, e isso se desdobra na descoberta de novas aprendizagens quando vem ao encontro dos objetos e/ou materiais propostos pelo(a) professor(a)” (SOUZA, 2022, p. 34).

Figura 24 e 25 - Linha e tampinha.



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

Essa criatividade, imaginação e utilização diversificada dos materiais traz uma importância gigantesca para quem sabe observar e escutar as crianças, além de dar oportunidade para elas construírem suas próprias histórias e também perceber como elas estão imersas e concentradas na atividade.

É isso que Ortega (2017) no seu livro ‘O fio do trabalho manual na tessitura do pensar, sentir e agir humanos: e seus princípios no ensino Waldorf do 1^a ao 5^a ano’ retrata sobre o trabalhar com as mãos, pois no momento em que estamos executando algumas atividades com elas, entram toda uma perspectiva de conexão consigo mesmo, ações cognitivas diante os aspectos desenvolvidos no nosso cérebro e também a formação de um estado tranquilizador físico e mental pelo fato de estar envolvida no ato de fluir com as manualidades.

Outro dia, planejei para que pudéssemos envolvê-las nos processos da livre expressão do pintar e da montagem de suas próprias obras, como quadros naturais. Nesta

atividade, utilizamos tintas guache, papelão em formato de moldura, saquinhos para realização da experiência.

De início, expliquei como faríamos e eles ficaram atentos e ansiosos para agir. Utilizamos saquinhos para recolher materiais nos arredores da sala deles e por todo o CEI, também explorando o espaço onde eles permanecem durante o dia. Assim fomos recolher flores, gravetinhos, galhos, frutos e tudo o que chamasse atenção deles para poder construirmos os quadros (Figura 26).

Figura 26 - Processo de recolher os materiais juntamente com a pintura da moldura.



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

Nessa andança pelos arredores da sala de referência, percebi que as crianças nunca tinham ido em uma parte específica do CEI, em que tinha várias árvores de acerola, um balanço e flores radiantes. Para elas foi um momento de descobertas e experimentações,

pois algumas pegaram acerolas (até comeram na hora), brincaram no balanço e depois continuaram recolhendo os materiais.

Durante a montagem do quadro não pude estar presente com eles, pois a professora realizou no período da tarde¹², momento em que não estava mais presente, já que o estágio era no turno da manhã. No segundo dia que estive com eles, a auxiliar me mostrou e eles ficaram contemplando e relatando quais eram os quadros deles. Isso me deixou feliz pela animação, como também pela satisfação que eles sentiram em construir algo, percebi isso nos olhos deles (Figura 27).

Figura 27 - As obras das crianças.



Fonte: arquivo pessoal.

¹² Algo que fiquei chateada, pois queria observar e vê-las imersas nessa consolidação. Além de me ficar a pergunta: será que foram elas mesmas que montaram? Ou a professora fez isso?

Identificamos nessas atividades, um processo pelo qual as crianças estão imersas na vontade de procurar, fazer, pegar, mostrar e conhecer espaços antes não explorados. É uma desenvoltura de pensamentos e experiências que dão suporte para uma construção de suas individualidades quanto de seus movimentos estéticos e imagéticos para a possibilidade de novas criações. “Dessa forma, consistem em um tatear dos sentidos por meio da fantasia, dos ritmos e dos materiais, um tatear no qual cada estímulo é uma experiência que fortalece a criança e assim a posiciona dentro da vida” (SALOIO, 2021, p.3).

Com isso, é imprescindível um olhar diferenciado para que seja realizada uma construção de uma educação integral com as crianças, levando em consideração todas as suas nuances diante o período das suas fases de desenvolvimento, enxergando as potencialidades e capacidades expressivas delas. No tópico a seguir tratarei sobre os aspectos ligados aos documentos educacionais, vinculados às manualidades.

4.3.2 O que dizem os documentos educacionais sobre uma educação integral?

[...] ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens (BNCC, 2018, p. 36).

Segundo os documentos, Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010), previsto para nortear os caminhos dentro dos âmbitos das artes e da vivência das crianças, tanto na Educação Infantil (EI) quanto no Ensino Fundamental (EF) mostra que a educação precisa ser estabelecida de maneira histórica e de direitos vinculadas as interações presentes nos espaços sociais. Assim, a criança é vista como,

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (DCNEI, 2010, p. 12).

Isso também remete ao fato da criança ser compreendida e respeitada muito além dessa fase, promovendo um olhar atento e dedicado da mesma forma no EF, no qual será uma nova etapa e mostra novos desafios e conhecimentos.

Nessa nova etapa da Educação Básica, o ensino de Arte deve assegurar aos alunos a possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo, por meio da ludicidade, propiciando uma experiência de continuidade em relação à Educação Infantil. Dessa maneira, é importante que, nas quatro linguagens da Arte – integradas pelas seis dimensões do conhecimento artístico –, as experiências e vivências artísticas estejam centradas nos interesses das crianças e nas culturas infantis (BNCC, 2018, p. 199).

Ortega (2017), enfatiza a relevância que as artes desenvolvidas pelas mãos podem estabelecer no corpo e na formação do sujeito.

Importante no desenvolvimento do sistema motor fino das crianças, ampliando suas capacidades motoras e influindo no desenvolvimento de sua inteligência; produz um estado interior de calma, fomentando a concentração e a reverência por aquilo que é produzido pelas mãos humanas; possibilita um pensar mais claro e um desenvolvimento cognitivo mais rico; desenvolve lateralidade e ajuda a fixar a dominância de uma das mãos; traz consciência para os dedos e aprimora a perspicácia por meio da observação de detalhes; e auxilia na vivência em grupo, aprimorando as relações sociais. (ORTEGA, 2017, p. 52)

É possível, diante das observações e promoções dos estudos realizados na área das artes manuais, um crescimento constante das habilidades motoras, cognitivas, expressivas, sensitivas e ricas de detalhes promovidas por uma educação que não envolva apenas o aspecto mecânico do aprender, mas de construção de relações intrapessoal quanto interpessoal. Uma educação que viabilize uma harmonia de conhecimento científicos quanto cotidianos, visando algo presente e recheado de sensações.

A educação juntamente com as artes manuais, perante em documentos oficiais como BNCC (2018) e DCNEI (2010) e a partir de contribuições de autores como Ortega (2017), Saloio (2021) e Souza (2022), como também da minha relação construída desde a infância nesse entrelaçar de conhecimento e de aprendizagens, percebe-se o quanto essa habilidade de se trabalhar com as mãos é primordial para o sucesso no processo de alfabetização, da formação de consciência do corpo e das articulações intelectuais, como

de raciocínio lógico, além de estabelecer também uma relação intrínseca com as emoções e o autoconhecimento. É nessa perspectiva de construção de conhecimento e formação continuada que a educação pode ser um diferencial na vida dos indivíduos.

A educação com as artes manuais é uma possibilidade de abrirmos as portas de lugares muitas vezes esquecidos, principalmente no período da adolescência para a vida adulta. Os caminhos trilhados entre as linhas que constituem as peças ou obras nos fazem anestesiar diante os obstáculos que a vida nos impõe. Acredito na verdade, que o tencionar do fio nos dar forças para seguir adiante, não deixando arrebentar perante a dificuldade, sabendo lidar com essa tensão de maneira que a linha possa novamente ficar maleável para poder dar continuidade ao trabalho realizado, sendo uma professora competente e atenta ao seu papel na sociedade e no processo de formação de cada criança, jovens e adultos.

Com isso, finalizo as reflexões acerca do presente trabalho, me encaminhando para a realização do acabamento desta grande colcha de retalhos promovida pelos tecidos da vida pessoal e profissional enquanto uma ‘artista manual’ que segue o rumo do fio educacional.

5 REALIZANDO O ACABAMENTO

A forma como realizamos o acabamento é tão importante quanto o início do trabalho. Reconhecer que durante o processo teve algumas dificuldades, mas que também foram essenciais para compreender a forma como chegamos até a finalização. O cuidado, o olhar sensível, o manuseio, a maneira de explorar os reparos finais é crucial, além de sentir a leveza de ver um trabalho realizado com muita dedicação e sabedoria.

Diante disso, retomando com base nos objetivos desta pesquisa tivemos como objetivo geral refletir sobre as contribuições que das artes manuais para a educação, através da elaboração de uma narrativa autobiográfica advinda da minha formação pessoal e como pedagoga e “artista manual”. Como objetivos específicos, essa pesquisa almejou desenvolver um olhar de como as artes manuais estiveram presentes na minha vida da infância aos dias de hoje e suas principais aprendizagens; investigar a relação entre as artes manuais e a educação ao longo da história; analisar e refletir de que maneira as artes manuais contribuíram para minha formação como pedagoga e como a minha experiência pode contribuir para a Pedagogia.

Desse modo, percebe-se que diante das discussões dos autores e da minha formação enquanto pedagoga, existe uma relevância no processo de educação dos indivíduos, através da ligação das artes manuais e os conteúdos a serem ministrados nas disciplinas curriculares ou não, procurando uma associação e aproximação com os aspectos materiais e as várias possibilidades que podem ser trabalhados.

Além disso, a multifuncionalidade que as artes manuais propõem engloba uma esfera sensível, lógica, motora e criativa. Essas articulações promovem um afloramento da consciência de si e do outro, além de fomentar uma formação de qualidade e de muita experiência para quem utiliza as artes manuais.

A perspectiva da realização desse trabalho, conduzido a partir da narrativa autobiográfica, influenciou bastante tanto para entrelaçar as vivências da formação universitária quanto para a formação pessoal nas artes manuais. Construir sua própria narrativa eleva todo um processo singular-plural e constituinte do processo formativo de cada um. Nessa trajetória enquanto sujeito da pesquisa e escritora da própria história, me fez pensar e refletir bem mais sobre os mecanismos que me formaram, principalmente

nos aspectos sociais, familiares e escolares, tendo em vista todo um complexo de realizações, frustrações, conquistas, recuos e mudanças. Essa passagem foi de extrema importância para entender o desenvolvimento dos processos de aprendizagem pelos quais passei durante a vida.

O educar está muito além de somente olhar, passar por cima e seguir adiante, ele envolve o sentimental, o intelectual, o afetivo, o social, o econômico e também a sensibilidade de estar atento a todos os artifícios que a vida traz.

Ademais, as artes manuais possibilitam tanto as funções cerebrais quanto motoras estejam em constante sintonia para que possam assim, trabalhar de maneira eficaz. A educação também precisa estar alinhada aos interesses e as perspectivas das crianças, pois é nessa ligação entre matéria, professor e aluno que o processo de conhecimento se dará. É um molejo que precisa estar vinculado à prática pedagógica consciente e perspicaz da busca do conhecimento e do desenvolvimento que é feito dentro e fora da sala de aula.

O ensinar compete a várias instâncias, primordialmente ao momento em que as crianças têm interesse e motivação para aprender e o professor tem motivação e interesse para ensiná-la. Foi nesse mecanismo de contribuição de conhecimento e de querer aprender, que me deu a vontade de fazer o crochê, o bordado e outras mais atividades que constantemente me fazem encher os olhos com um brilho que até então não fazia florescer em mim. Vejo que é nesse viés que a educação deve se fazer presente dentro da escola ou em qualquer instituição que promova aprendizado e desenvolvimento.

As artes manuais para a educação envolvem um campo que promove a aprendizagem, evidenciando a matemática, os aspectos do espaço, lateralidade, geometria, espessura, como também relacionar história, geografia, ciências por meio da originalidade dos materiais e suas mudanças no decorrer das manualidades. É através da fantasia, dos sentidos e do querer fazer das crianças, que vai deixá-las entusiasmadas, confiantes e motivadas para os desenvolvimentos das práticas manuais.

Outrossim, o movimento do professor e as suas propostas devem estar de acordo com as suas vivências para que possam promover espaços e momentos diversificados para os estudantes. Sendo um docente pesquisador, curioso, estudosso e instigador de novas práticas para que possa abranger mais conhecimento e experiências para os

educandos. Além de ressaltar a importância das experiências, dos sentidos, significados que as crianças dão aos processos vivenciados por elas.

A pessoa que sou hoje, de acordo com os movimentos que passei desde a infância até os dias atuais, mudou por muitas vezes, caiu por outras, levantou por diversas vezes. No entanto, vive em constante transformação, assim como o despertar de uma borboleta. Entendendo que os processos são únicos, que as experiências são complexas e que os caminhos em certos momentos podem nos levar a consciências antes não conhecidas. As artes manuais me deram a oportunidade de consolidar sonhos e expressar meus vários eu, em períodos diferentes e de maneiras distintas.

Desse modo, conclui-se que as artes manuais, como foi tratada em todo o trabalho, é uma alternativa de considerar a formação humana muito além da mera reprodução e mecanização do ensino, mas explorar outras linhas que promovam a autonomia, criticidade, sabedoria, autoconhecimento e promoção de um educar e ensinar mais ligado a perspectiva dialógica e próxima da realidade do aluno, além de contribuir para a aproximação histórica, social e cultural de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 1990.
- BONDÍA LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. Jan/ Fev / Abr, 2002, nº 19. p. 20-28.
- BORRE, Luciana. **Bordando afetos na formação docente**. Conceição da Feira: Andarilha Edições, 2020.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CAMPEÃO OLÍMPICO APROVEITA INTERVALO DOS JOGOS PARA FAZER CROCHÊ. Tribuna de Jundiaí. Disponível em: <<https://tribunadejundiai.com.br/mais/esportes/campeao-olimpico-aproveita-intervalo-dos-jogos-para-fazer-croche/>>. Acesso em: 12, março, 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- CAMBI, Franco. **História da Educação**. Tradução de Álvaro Lourencini. Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular**. Tradução Eliane das Neves Moura. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica. Salvador. 2016. p. 133-147.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 57^a ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra. 2018.
- FREITAG, Vanessa. **As roupas, os fios e o jardim: reflexões em torno da criação com a linguagem têxtil**. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de (Org.) *Linguagens da arte: Percursos da docência com crianças*. Porto Alegre: Zouk, 2022. P. 17-28

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8ºed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

_____, Marie-Christine. **O caminhar para si:** uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 2, n.2, p. 136-139, ago./dez. 2009.

LANZ, Rudolf. **A PEDAGOGIA WALDORF:** caminho para um ensino mais humano. São Paulo: Antroposófica. 6. ed. 1998.

LERIA, Bruna Maria Rodrigues. **Nascimento da Pedagogia Waldorf.** Disponível em: <<https://rudolflanz.com.br/a-historia/>>. Acesso em: 04 de julho de 2023.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas.** Editora da UFPR: Educar, Curitiba. n.17. 2001. p. 153-176.

MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecília. **Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa.** Linhas críticas, Brasília, DF, v.23, n51, p.369-386. jun. 2017 a set. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte:** o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otavio Cruz; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. P. 9-27.

MORAN, José. **Metodologias Ativas para uma aprendizagem mais profunda.** USP: São Paulo. dez. 2013. Disponível em:http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf. Acesso em: 08 abril 2023.

NEVES, Daniel; SOUSA, Rafaela. **Revolução Industrial.** Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/revolucao-industrial-2.htm>. Acesso em: 08 abril 2023.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Artes de Fazer:** Trajetórias de vida e formação. Org. Ercília Maria Braga de Olinda. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **Sentidos e sensibilidades:** sua educação na história. Curitiba: Editora UFPR, 2012.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). **Histórico da pandemia de COVID-19.** Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: maio, 2023.

ORTEGA, Neli. **O fio do trabalho manual na tessitura do pensar, sentir e agir humanos:** e seus princípios no ensino Waldorf do 1º ao 5º ano. São Paulo. 2ª edição. 2017.

OSINSKI, Dulce Regina B. **Arte, história e ensino:** uma trajetória. v.79. São Paulo: Cortez, 2001. p. 7-43.

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta. **As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação.** Revista Lusófona de Educação. v.33. jul. 2016. p. 111-125.

PEDROSA, Juliana. **Educação e Trabalhos Manuais:** o artesanato como ferramenta de aprendizagem. Educação e Mídia: Gazeta do Povo, 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/educacao-e-midia/educacao-e-trabalhos-manuais-o-artesanato-como-ferramenta-de-aprendizagem/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

PENNA, Manoel. **Trabalhos manuais escolares.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1934.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança.** Tradução Manoel Campos. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender.** Tradução de Vania Cury. 14ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021.

RODRIGUES, Pedro Eurico. **Tecnologias na pré-história.** Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/tecnologias-na-pre-historia/>. Acesso em: jun. 2023.

SALOIO, Rosana L. **Ensinar com Vida e Arte:** Experiências em trabalhos manuais em uma escola Waldorf. A Revista Oficial de Terapia Holística - ed. 72. 2021.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

VEIGA, Ana Lygia V. Schil da. **A pesquisa do currículo dos trabalhos manuais na educação steineriana / Artes manuais-manuais para a Educação: a produção de conhecimento entre fios da casa e de si**. São Paulo: Hífen editora - Nina Veiga. Atelier de Educação, 2021.